



Editorial

Os santos tinham defeitos, mas lutaram para superá-los com a graça divina

Página 4

Encontro com o Pastor

Deus escuta a oração dos pobres, privilegiados em Seu coração

Página 2

Espiritualidade

A espiritualidade sinodal brota da ação do Espírito e da escuta da Palavra

Página 5

Liturgia e Vida

Um coração livre do apego aos bens e confiante na providência divina

Página 16

Comportamento

A espontaneidade desordenada prejudica o aperfeiçoamento pessoal

Página 5

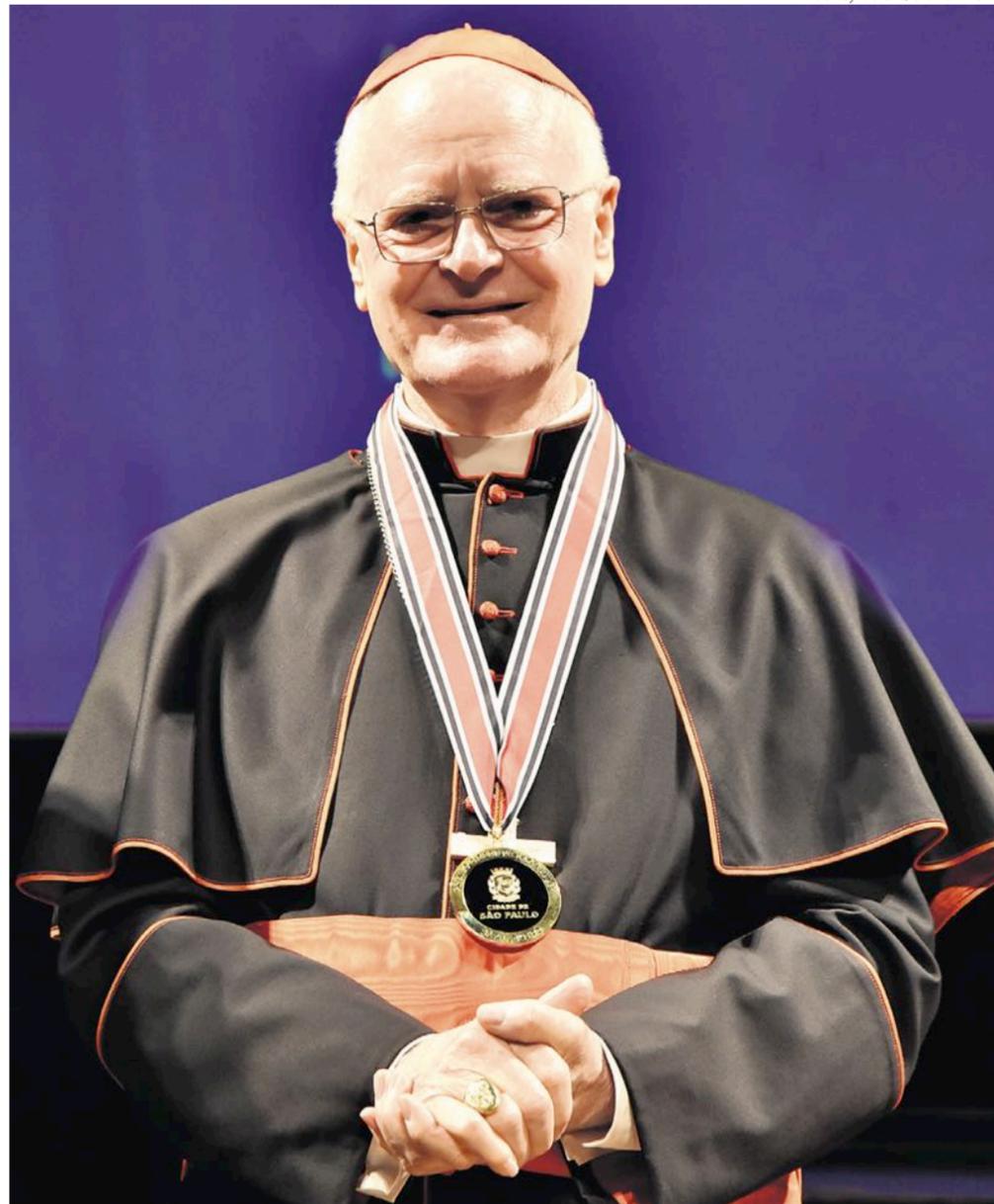
No Dia de Finados, fiéis dão testemunho de fé na ressurreição

Na Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, no sábado, 2, missas aconteceram em igrejas e cemitérios de São Paulo. Em alguns destes, tendas de oração e escuta foram montadas para atenção pastoral aos enlutados.

Páginas 6, 7, 12, 13, 14 e 15

Prefeitura e Câmara Municipal conferem honrarias a Dom Odilo pelo bem feito à cidade

Luciney Martins/O SÃO PAULO



Cardeal Odilo Pedro Scherer com o Prêmio Cidade de São Paulo, a ele conferido pela Prefeitura, dia 1º

Em cerimônia no Theatro Municipal de São Paulo, na noite da sexta-feira, 1º de novembro, o Cardeal Odilo Pedro Scherer foi homenageado pela Câmara Municipal com o Diploma de Gratidão e a Medalha Anchieta, concedida a personalidades que se destacam pelos relevantes serviços prestados ao município; e pela Prefeitura, com o Prêmio Cidade de São Paulo.

"Nasci no Rio Grande do Sul, na região das Reduções Jesuíticas, mas cresci no Paraná e vim para São Paulo já como bispo, com 52 anos, enviado por São João Paulo II no final de 2001. Hoje, sinto-me plenamente paulistano de coração e com muita honra", declarou Dom Odilo.

Na solenidade, que teve a participação de autoridades civis, eclesásticas e militares, além de inúmeros clérigos, religiosos e leigos atuantes em pastorais, movimentos e paróquias, também foram recordados os 70 anos da Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Assunção, festejados em 2024.

Página 3

Dilexit nos: voltar ao Amor primeiro para construir a nova humanidade

Esta edição do *Caderno Fé e Cultura* apresenta os principais trechos da mais recente encíclica do Papa Francisco, publicada em outubro, na qual é possível contemplar o manancial inesgotável do amor e da misericórdia do Coração de Cristo – princípio unificador para a construção da tão sonhada paz – e refletir e entender o sentido dessa devoção e seu simbolismo para toda a comunidade cristã.

Reprodução

CADERNO ESPECIAL
Fé e Cultura
Edição 27
6 de novembro de 2024
O SÃO PAULO

'Dilexit nos': à luz da misericórdia, a Igreja se volta ao coração

Marcelo Cypriano Motta*

Um documento de especial beleza – com a força de fazer voltar ao coração! – *Dilexit nos* (DN) está destinado a marcar profundamente os caminhos de esperança até uma Igreja sinodal, missionária e misericordiosa, e vem somar-se ao Sínodo Extraordinário da Misericórdia (2016) e ao Jubileu da Esperança (2025), e fazer redescobrir, mais uma vez, todo o valor da *Laudato si'* e da *Evangelii Gaudium* (cf. DN 217). Essa encíclica, com efeito, não se limita a uma determinada "revelação" particular da devoção ao Coração de Cristo. Ao contrário, mesmo sem perder de vista esta "devoção", nas suas variadas expressões na história da Igreja (dando o devido lugar a cada uma delas), a encíclica contempla o manancial inesgotável de amor e misericórdia do Coração de Cristo à luz do Evangelho e de toda a rica tradição espiritual da Igreja, até nossos dias (cf. particularmente os Capítulos III e IV). É um repertório doutrinal e místico precioso, sofisticado na sua construção, e com grandes repercussões pastorais.

"A oração mais popular, dirigida como um dardo ao Coração de Cristo, diz simplesmente: 'Eu confio em Vós' (SANTA TERESA DE LISIÉUX, *Diário*, 47)" (DN 90). É preciso retornar ao coração, pois o homem contemporâneo está quase privado de um ponto de referência. (DN 9). Este é um tempo de renovação da Igreja, pois...

Nesta edição, o *Caderno Fé e Cultura* traz alguns trechos da nova encíclica do Papa Francisco, *Dilexit nos*, como uma espécie de "degustação" que convida à sua leitura na íntegra, pois ela merece ser meditada, para iluminar nossa compreensão do mistério do amor cheio de misericórdia que Deus nos dedica.

gindo-nos ao "Coração de Cristo, sinal eloquente da misericórdia divina", haja frutos abundantes, entre os quais o retorno ao coração, também pela invocação "Jesus, confio em Vós", que, por disposição da divina Providência, é conduzida a uma nova fase, mediante uma doutrina a ser exposta em toda a sua novidade, segundo a economia da misericórdia.

KOWALSKA. *Diário*, 47" (DN 90). É preciso retornar ao coração, pois o homem contemporâneo está quase privado de um ponto de referência. (DN 9). Este é um tempo de renovação da Igreja, pois...



**CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER**

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

A oração do pobre

dedicado à oração em preparação ao Jubileu de 2025, trata da oração do pobre, que “sai de sua boca e vai direto aos ouvidos de Deus” (cf. Sr 21,5). É uma verdade bem conhecida na Bíblia, que Deus escuta a oração dos humildes e dos pobres e que eles têm um lugar privilegiado no coração de Deus. “A oração do humilde penetra as nuvens e ele não se consolará enquanto ela não chegar até Deus e não se afastará enquanto o Altíssimo não olhar e o justo Juiz não fizer justiça” (Sr 35,21). Deus, como um pai atento e carinhoso para com todos, conhece os sofrimentos dos seus filhos e se preocupa com aqueles que mais precisam Dele: os pobres, os marginalizados, os que sofrem, os esquecidos... Ninguém está excluído do seu coração, uma vez que, diante d’Ele, todos somos pobres e necessitados. Somos todos mendigos, pois sem Deus não seríamos nada. Nem sequer teríamos vida, se Deus não a tivesse dado a nós” (Mensagem, n. 5).

Francisco convida a aprender dos pobres a oração da fé, confiança e humildade. Eles não têm de quê se vangloriar, não possuem nada para “dar em troca” a Deus nas suas preces e sabem que dependem inteiramente da benevolência de Deus. E Deus acolhe as suas preces confian-

tes e humildes. Nós poderíamos ser tentados a rezar como aquele fariseu da parábola do Evangelho, que se apresentou diante de Deus relatando seus próprios méritos, quase a cobrar tudo o que Deus lhe devia... Jesus concluiu que a oração desse fariseu não foi boa e não agradou a Deus. A oração do publicano, ao contrário, foi humilde e confiante: ele reconheceu seus erros e seu nada, e pediu que Deus tivesse compaixão dele. E Jesus concluiu que essa oração foi boa e Deus gostou dela (cf. Lc 10,9-18). Em nossa oração, nunca devemos cobrar contas de Deus, nem tentar negociar com Ele. Quem somos nós?!

Se é importante aprender dos pobres a rezar, também é importante rezar com eles e convidá-los a participar de nossas orações comunitárias. Neste ano, de maneira especial, o Papa pede que a preparação do Ano Jubilar de 2025 seja feita pela oração. Seria difícil convidar e reunir os pobres que estão em nossas praças para rezar com eles em nossas igrejas e capelas? O Papa recorda algo que já escreveu na exortação *Evangelii gaudium* (2013): “a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual. A imensa maioria dos pobres

possui uma especial abertura à fé; tem necessidade de Deus e não podemos deixar de lhes oferecer a sua amizade, a sua bênção, a sua Palavra, a celebração dos Sacramentos e a proposta de um caminho de crescimento e amadurecimento na fé. A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, em uma solicitude religiosa privilegiada e prioritária” (n. 200).

Mas ainda há mais: por que não pedir que os pobres rezem por nós? Nada mais natural, uma vez que a sua oração “chega direto aos ouvidos de Deus”. E se estivermos atentos às suas palavras nas esquinas e praças, onde pedem esmolas ou recebem alguma ajuda, nos daremos conta de que eles fazem muitas preces pelos seus benfeitores: “Deus lhe pague!”, “Deus lhe dê saúde e cubra de bênçãos você e sua família”, “Deus lhe dê em dobro o que me deu”, “Deus nunca deixe faltar nada em sua vida”. Essas manifestações de gratidão, na verdade, são orações breves que eles dirigem a Deus no momento em que receberam algo. É bom ser abençoado pelos pobres. Mesmo por pequenos gestos de caridade, somos abençoados pelos pobres e eles rezam por nós. E acabamos ganhando mais do que doamos a eles...

No próximo dia 17 de novembro, a Igreja celebra mais uma vez o Dia Mundial dos Pobres, essa bela iniciativa do pontificado do Papa Francisco. O objetivo da comemoração é “trazer os pobres para o meio” das atenções e preocupações da Igreja e também da sociedade. Os pobres são tantos e se tornam cada vez mais numerosos. Seus sofrimentos não nos devem deixar indiferentes.

Para nós, cristãos, o cuidado caridoso e fraterno dos pobres é sinal de autenticidade de nossa fé, tanto que o evangelista São João perguntou, já no início do Cristianismo: “Se alguém possui bens neste mundo e, vendo seu irmão em necessidade, lhe fecha o coração, como pode o amor de Deus permanecer nele?” (1Jo 3,17).

A cada ano, o Papa envia uma mensagem à Igreja por ocasião do Dia Mundial dos Pobres. A deste ano,

PIPOLI AGLIANICO DEL VULTURE
Terra, vino e passione.

APRECIE COM MODERAÇÃO

FANTINI

CAMPAIGN FINANCED ACCORDING TO EU REG. NO. 13082013

‘Hoje, sinto-me plenamente paulistano de coração e com muita honra’

AFIRMOU O CARDEAL ODILO SCHERER, AO SER HOMENAGEADO PELA PREFEITURA E PELA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Na noite da sexta-feira, 1º de novembro, o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano, foi homenageado pela Prefeitura e pela Câmara Municipal de São Paulo com o Prêmio Cidade de São Paulo, a Medalha Anchieta e o Diploma de Gratidão, por ocasião dos seus 75 anos, completados em setembro.

O evento, realizado no Theatro Municipal, no centro da capital, também foi alusivo aos 70 anos da Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Assunção. Participaram autoridades civis, eclesiais e militares, além de inúmeros clérigos, religiosos, representantes de pastorais, movimentos e fiéis de diversas paróquias e comunidades da Arquidiocese.

O Prêmio Cidade de São Paulo é uma honraria concedida pela Prefeitura a pessoas físicas e jurídicas, nacionais ou estrangeiras, como reconhecimento da cidade de São Paulo pelo mérito pessoal, bons serviços prestados à cidade ou serviços dignos de especial destaque, valor desportivo ou cultural.

Já a Medalha Anchieta é uma honraria concedida pelos vereadores de São Paulo a personalidades que se destacaram pelos relevantes serviços prestados ao município, e geralmente é entregue em conjunto com o Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo.

RECONHECIMENTO

Ao saudar Dom Odilo, o prefeito Ricardo Nunes ressaltou o relevante papel da Igreja Católica na história e no desenvolvimento da cidade, recordando que a



Cardeal Odilo Pedro Scherer discursa no Theatro Municipal após receber honrarias da Câmara e da Prefeitura de São Paulo, na sexta-feira, dia 1º

capital paulista foi fundada por missionários e, portanto, tem em sua origem a ação evangelizadora.

“Fico feliz por poder estar aqui como cidadão, como cristão e como prefeito de São Paulo, participando deste momento do aniversário do nosso Arcebispo e da comemoração dos 70 anos da nossa Catedral, que é um marco para a nossa cidade”, afirmou Nunes.

A vereadora Edir Sales, proponente da Medalha Anchieta, lembrou que o Cardeal Scherer “traçou os mesmos passos do Apóstolo do Brasil”, São José de Anchieta, ao anunciar a Palavra de Deus para a cidade: “Dom Odilo iniciou a sua trajetória em nossa cidade em 2002, como Bispo Auxiliar e, rapidamente, destacou-se pelo seu espírito de serviço, liderança e humildade. Seu caminho ministerial desde então foi marcado por passos decisivos e por um trabalho pastoral que alcançou cada esquina da nossa metrópole”.

“A longa vida de Dom Odilo, quase cinco décadas de sacerdócio e mais de duas de bispo, ocupando diferentes funções e morando em diversos locais, é o testemunho de uma vocação abraçada ao serviço da comunidade e da Igreja, um grande exemplo a todos, de modo especial às novas gerações e, também, a

nós, políticos”, destacou o secretário municipal Enrico Misasi.

Gilberto Kassab, secretário de governo e relações institucionais do estado de São Paulo, e representante do governador Tarcísio de Freitas no evento, enfatizou que desde a origem da cidade a Igreja se fez presente, ajudando a enfrentar seus inúmeros desafios. “Mais uma vez, Dom Odilo, queremos agradecer à Igreja por tudo que faz para a nossa cidade, e agradecer ao senhor por esses anos à frente da nossa Igreja em São Paulo”, afirmou.

DO SUL PARA A METRÓPOLE

Em seu agradecimento pelas homenagens, Dom Odilo recordou sua trajetória até chegar à capital paulista. “Nasci no Rio Grande do Sul, na região das Reduções Jesuíticas, mas cresci no Paraná e vim para São Paulo já como bispo, com 52 anos, enviado por São João Paulo II no final de 2001. Hoje, sinto-me plenamente paulistano de coração e com muita honra”, manifestou.

“Aprendi a conhecer a dinâmica da metrópole e me inseri nela. Aprendi a admirar a riqueza humana e material desta cidade e, ao mesmo tempo, aprendi a conhecer as suas pobreza e as suas feridas abertas. Aprendi a conhecer a generosi-

dade e a solidariedade do seu povo, seus grandes desafios sociais e econômicos. Visitando as paróquias e comunidades da Arquidiocese, percorri cada uma e cada canto, cada parte da cidade que faz parte da Arquidiocese de São Paulo”, acrescentou o Arcebispo, afirmando crer firmemente que “o anúncio do Evangelho do Reino de Deus é um bem para todos e faz bem à cidade e à convivência humana”.

CONCERTO

A noite de homenagens foi coroada com um concerto da Orquestra Experimental de Repertório, sob a regência do maestro Wagner Polistchur. A apresentação foi aberta com a execução de uma das principais obras corais de Brahms, a “Canção do Destino”, acompanhada do Coro Lírico Municipal, regido pela maestrina Erika Hindrikson.

Em seguida, foi executada a obra “Pinheiros de Roma”, de Respighi, escrita em 1923, que se divide em quatro partes executadas sem interrupção, sugerindo uma reconstrução de impressões visuais e sonoras de diferentes regiões de Roma, demonstradas na própria partitura. O concerto contou, ainda, com a participação do Maestro Delphim Rezende Porto, Diretor de Música da Catedral da Sé.

SOLUÇÕES ECLESIAIS ORGSYSTEM



Acesse nosso site e conheça nossos produtos!



“Orgsystem, inovando sempre para melhor atendê-lo”

Editorial

Os defeitos dos santos

Celebramos no domingo, 3 de novembro, a Solenidade de Todos os Santos – e com isso não apenas nos alegramos pela multidão de *todos os santos* que povoam o Céu, mas também pedimos a Deus que, por sua intercessão e exemplo, também nós aqui na terra nos tornemos *todos os santos* que Deus espera de nós (cf. *Lumen gentium*, 39). No entanto, quando olhamos para os santos de nossos altares e quando comparamos sua vida heroica com nossas fraquezas e infidelidades, podemos ficar com a impressão de que a santidade não é para nós. Ainda por cima, alguns livros e filmes sobre os santos traçam um retrato tão idealizado seu, que só falta dizer que eles, ainda bebês, não sujavam as fraldas e praticavam jejum do leite materno às sextas-feiras... Essa é uma visão romantizada da santidade, que pode nos levar a pensar que não fomos feitos para isso – nós que sujávamos nossas fraldas.

No mundo real, no entanto, a verdade é que todos os santos (com a exceção de Nosso Senhor e de sua Mãe Santíssima) *tinham seus defeitos!* Santa Teresinha, por exemplo, nasceu com um gênio terrivelmente teimoso – sua mãe dizia que ela, quando pequena, “era de uma teimosia quase invencível. Quando diz que ‘não’, não existe força humana que a convença; e ainda que a colocássemos de castigo o dia inteiro em um quarto escuro, ela preferiria ficar ali a dizer que ‘sim’”. Santa Margarida Maria Alacoque, mesmo quando decidiu entregar sua vida a Deus como religiosa, recusava-se a comer queijo – não por alergia ou intolerância, mas simplesmente por capricho. Quando, por desatenção, serviram a ela a mesma comida que às demais freiras, ela passou horas de luta e lágrimas se debatendo com aquilo – e levou nada menos que oito anos para se superar... quanto ao queijo! Santo Agostinho, o mesmo que nos deixou orações tão comoventes e inspiradoras nas suas

Confissões, era bastante duro em suas catequeses, a ponto de vários dos que o ouviam não aguentarem e irem embora. Os próprios apóstolos eram cheios de vaidades humanas: João queria proibir que pessoas de fora do círculo dos apóstolos pregassem a Cristo e expulsassem os demônios (cf. Lc 9,49); depois, no caminho, os discípulos brigavam entre si para saber quem era o mais importante; e envolviam até as mães nos conflitos, buscando conseguir, por meio delas, cargos de maior honraria...

Os santos não nascem prontos, não são de resina ou gesso, impecáveis e sem nenhum defeito. Não! Eles são da mesma carne e osso que nós – e o que fez sua santidade foi precisamente o fato de terem lutado a cada dia para se superarem, apoiados não em suas próprias forças, mas na graça e na misericórdia de Deus.

Isso é para nós uma grande lição de esperança, pois a santidade, para nós que vivemos no mundo, não sig-

nifica fazer uma cara de beato, pegar uma palma e subir em um andor. A nossa santidade será construída ali, em nosso dia a dia ordinário, no fazer supermercado e no limpar a casa, no atender o cliente e no executar nosso trabalho, no encontrar com aquela pessoa importuna no ônibus ou no elevador e ser-lhe amável, no exercício da caridade para com os mais necessitados e no nosso compromisso apostólico vivido na Igreja e em meio ao mundo. Nossa santidade não acontecerá magicamente, do dia para a noite: será resultado de um constante começar e recomeçar, em um processo de luta contínua, com vitórias... e, também, com algumas derrotas. E quando, vez ou outra, “nos sujarmos”, falhando e sendo egoístas, bastará nos arrepender, confessar e retomar o caminho, com simplicidade e esperança. Se é assim, então, demos vela! E, com a graça de Deus, chegaremos ao fim de nossa vida sendo os santos que Ele espera de nós!

Opinião

Eleições, Kafka e Doutrina Social da Igreja

PADRE ALFREDO JOSÉ GONÇALVES, CS

Em junho deste 2024, celebramos o centenário de morte de Franz Kafka. Esse enigmático escritor austro-húngaro retrata tudo e todos de forma fantasmagórica. Basta pensar nas obras *O Processo*, *O Castelo*, *A metamorfose*. Os personagens, efetivamente, parecem espectros caminhando em meio a uma nebulosidade que não permite traçar com exatidão os contornos das coisas, das pessoas e dos fatos. O próprio enredo traz a imprecisão do tempo, do espaço e da complexa trama narrativa.

K é protagonista em *O processo*. Não tem origem, família nem história. Em uma determinada manhã, é visitado e detido por dois agentes policiais, sem qualquer razão explicável. Passa, então, a percorrer as páginas da obra acompanhado por uma densa nuvem burocrática, tão intrincada e labiríntica, que nunca sabe exatamente o que deve fazer para provar sua inocência. De juiz em juiz, de advogado em advogado, de tribunal em tribunal, aparece cada vez mais inseguro, incerto e perdido. Avança irrequieto, nadando em um mar espesso de névoa.

Em *A metamorfose*, Gregor acorda certa manhã transformado em um monstruoso inseto. Empreende esfor-



Arte: Sergio Ricciuto Conte

ços inauditos não apenas para tentar entender como isso veio a ocorrer, mas sobretudo para adaptar-se a essa situação insólita. Também neste caso, não existem explicações e o protagonista deve conviver consigo próprio convertido em uma espécie de barata gigante. Caricatura abjeta que retrata condições de trabalho igualmente abjetas. O protagonista encontra-se perseguido por dívidas contraídas pelos pais e, para pagá-las, vê-se metamorfoseado nesse inseto que, a qualquer momento, pode ser esmagado.

Em *O castelo*, repete-se a letra K

para designar um certo agrimensor. Este é requisitado por um conde, também ele fantasmagórico, para prestar-lhe seus serviços. Têm início, então, as vãs tentativas de K para entrar na morada do nobre senhor. Por mais esforços que faça, não consegue chegar a esse edifício, cuja localidade e contornos são sempre indefinidos. O agrimensor se vê do lado de fora do prédio, sem saber ao certo o que fazer e com quem falar. Permanece na vila como um errante que não atenta com a forma de penetrar o castelo, o qual, na verdade, paira aci-

ma das nuvens inexpugnável.

Entra em cena a Doutrina Social da Igreja (DSI). Inútil dizer que os três personagens citados constituem figuras que, após um século, habitam os porões, periferias, sertões e fronteiras da sociedade. Rostos e nomes caros à DSI, a qual, em seus documentos, procura resgatar suas trajetórias históricas de um anonimato que, além de violar os direitos humanos, atenta contra a dignidade da pessoa humana. Franz Kafka, entre outros, intuiu em profundidade as tragédias dos tempos contemporâneos.

Tragédias que se abatem sobre os ombros dos pobres e vulneráveis da terra. Mais do que nunca, seguimos envolvidos em espessa e sombria neblina, na qual as narrativas e ideologias distorcidas, em lugar de informar, confundem a população em geral, e cada cidadão e cidadã em particular. Passado o 2º turno das eleições municipais, continuamos com os princípios da DSI a nos fornecer luzes para nos iluminar. Ela não apresenta nomes ou partidos, e sim critérios éticos que podem sempre nos orientar na busca pelo bem comum.

Padre Alfredo José Gonçalves é sacerdote da Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos e Vice-Presidente do SPM (Serviço Pastoral dos Migrantes) da CNBB

Comportamento

Espontaneidade e virtude: considerações sobre expressar-se

SIMONE RIBEIRO CABRAL FUZARO

Hoje, gostaria de promover uma breve reflexão sobre algo que tem me chamado muito a atenção, principalmente após o advento da comunicação virtual em massa. Sabemos que a tecnologia traz muitos benefícios e facilidades para nossa vida. Uma delas é o acesso a diferentes e variadas informações, situações e opiniões. Quase tudo se torna público em pouco tempo, com algumas situações tomando dimensões muito grandes.

Chama-me muitíssimo a atenção o valor que se dá à tal espontaneidade na comunicação moderna. É como que ser espontâneo é ser quem eu sou, dizer o que penso, do modo que quero, em qualquer circunstância. Isso tem transformado alguns espaços virtuais em um verdadeiro “ringue”.

Há, em nossa sociedade moderna, um certo culto à espontaneidade. É sempre estimulado que sejamos espontâneos em nossas reações, falas, posturas. No entanto, nem sempre os resultados da tal espontaneidade são positivos. No senso comum, muitas vezes a referência a um ato espontâneo sugere uma ação imedia-

ta, não controlada – poderíamos dizer, impulsiva. Resposta natural que brota no peito do sujeito mediante uma situação vivida ou uma opinião emitida por outro. Nos dicionários, podemos encontrar diversas definições para a palavra “espontâneo”, tal como a de Cândido de Figueiredo, a seguir: espontâneo (do lat. *Spontaneus*) 1. adj. Que se pratica de livre vontade, de moto-próprio: ato espontâneo. 2. adj. Natural. 3. adj. Independente de causa exterior, aparente. 4. adj. Que nasceu sem cultura: vegetação espontânea.

No entanto, bem sabemos que as melhores coisas que fazemos não são naturais em nosso ser, ou seja, quase tudo o que somos e acreditamos, aprendemos ao longo da vida na construção de hábitos, nas experiências que vivemos em família, nas situações cotidianas que vão aos poucos nos transformando em pessoas. Vão aperfeiçoando nossas tendências naturais – nem sempre adequadas – e nos possibilitam uma vida mais harmoniosa, mais plena. Sabemos o quanto custa lapidarmos nossos “impulsos e instintos” em busca de crescer nas habilidades da boa comunicação, da empatia, do colocar-se no lugar do outro

para tentar criar uma relação saudável e amável.

Claro que esse processo de aperfeiçoamento pessoal pode, aos poucos, forjar nas pessoas uma atitude espontaneamente cordial, naturalmente alegre e acolhedora, bem-humorada... no entanto, isso nada tem de relação com ser como sou por natureza e ponto. Isso seria, e é, um culto à impulsividade, que tanto precisamos dominar se queremos levar uma vida madura, uma vida plenamente humana.

Encontrei em J.L. Moreno, criador do psicodrama, uma reflexão interessante sobre espontaneidade, que, a princípio, ele distancia de impulsividade em sua obra *Psicodrama*: “O termo ‘espontâneo’ é frequentemente usado para descrever indivíduos cujo controle de suas ações está diminuído. No entanto, esse emprego do termo espontâneo não está de acordo com a etimologia da palavra que (...) deriva do latim *sponte*, ‘de livre vontade.’ (...) A conduta desordenada e os acessos emocionais que decorrem de ações impulsivas estão longe de constituir desideratos do trabalho da espontaneidade. Pertencem ao domínio da pa-

tologia da espontaneidade.” (MORENO, 1993, p.175).

No livro *As palavras do Pai*, este mesmo autor diz: “A espontaneidade é um estado de prontidão do sujeito para responder mais rapidamente quando lhe for solicitado. É uma condição – um ajustamento – do sujeito, uma preparação dele para uma ação livre” (MORENO, 1992, p.152). Moreno associa à espontaneidade um caráter de atitude adequada ao contexto, ou seja, a espontaneidade, assim como a liberdade, precisa ser aprendida. São habilidades a serem desenvolvidas e em nada se relacionam com as manifestações malcriadas e desmedidas que lemos em tantas oportunidades nas redes sociais.

Tendo em vista que todos, em algum momento, poderemos ser vítimas ou mesmo atores dessa tal espontaneidade desordenada, espero ter trazido um pouco de luz a essa ação. Que sejamos sempre e cada vez mais focados em nos formarmos verdadeiramente bem e, assim, seremos realmente espontâneos, livres e felizes.

Simone Ribeiro Cabral Fuzaro é

fonoaudióloga e educadora. Mantém o site www.simonefuzaro.com.br. Instagram: @sifuzaro.

Espiritualidade

Uma espiritualidade sinodal



**DOM ÂNGELO
ADEMIR
MEZZARI, RCJ**
BISPO AUXILIAR
DA ARQUIDIOCESE NA
REGIÃO IPIRANGA

No final do mês de outubro, no dia 26, no encerramento da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, foi publicado o Documento Final, que tem por título “Para uma Igreja Sinodal: comunhão, participação, missão”. Na ocasião, o Papa Francisco disse que este Documento representa o fruto de alguns anos que foram dedicados à escuta do povo de Deus e reflete o propósito de uma Igreja mais sinodal. O Papa decidiu que o Documento seja logo publicado e não será objeto de uma exortação apostólica específica, mas que desde já possa inspirar a vida da Igreja. Nesse sentido, o processo sinodal não se encerra com o término da Assembleia, mas inclui a fase de implementação. Todos, portanto, são chamados a se envolver no caminho cotidiano com uma metodologia sinodal de consulta e discernimento, identificando modos concretos e percursos formativos para realizar uma frutuosa conversão sinodal nas várias realidades eclesiais.

Somos a Igreja de Jesus Cristo em caminho e que deseja, juntos, sempre caminhar, em comunhão e na participação. Nesse percurso, o Documento Final, nos seus números 43 a 48, recorda que é significativa e importante a experiência da “espiritualidade sinodal”. De fato, se faltar a profundidade espiritual pessoal e comunitária, a sinodalidade se reduz a um expediente

organizacional. Por isso, é fundamental praticar, com humildade e simplicidade, o estilo sinodal para tornar a Igreja uma voz profética no mundo de hoje, que assuma sua vocação e missão a serviço do Reino e Deus.

Partindo do princípio de que a sinodalidade é antes de tudo uma disposição espiritual que permeia a vida cotidiana de todos os batizados e atinge todos os aspectos da missão, assim é definida a “espiritualidade sinodal”: “Uma espiritualidade sinodal brota da ação do Espírito Santo e requer a escuta da Palavra de Deus, a contemplação, o silêncio e a conversão do coração. Como o Papa Francisco afirmou no Discurso de Abertura desta Segunda Sessão, ‘o Espírito Santo é um guia seguro, e nossa primeira tarefa é aprender a discernir Sua voz, porque Ele fala em tudo e em todas as coisas’. Uma espiritualidade sinodal também exige ascetismo, humildade, paciência e prontidão para perdoar e ser perdoado. Ela acolhe com gratidão e humildade a variedade de dons e tarefas distribuídos pelo Espírito Santo para o serviço do único Senhor (cf. 1 Cor 12,4-5). Faz isso sem ambição ou inveja, nem desejo de dominação ou controle, cultivando os mesmos sentimentos de Cristo Jesus, ‘que se esvaziou a si mesmo, assumindo a condição de servo’ (Fl 2,7). Reconhecemos o fruto quando a vida cotidiana da Igreja é marcada pela unidade e harmonia na pluriformidade. Ninguém pode prosseguir sozinho em um caminho de espiritualidade autêntica. Precisamos de acompanhamento e apoio, incluindo formação e direção espiritual, como indivíduos e como comunidade” (cf. n. 43 do Documento Final).

Reconhecendo a primazia da graça, somos todos chamados a viver e a fazer uma autêntica experiência de uma espiritualidade sinodal, pessoal e comunitária, na prática do amor mútuo como lugar e forma de encontro com Deus. Que a nossa oração seja aberta à participação, que o discernimento seja vivido em conjunto, que a força missionária seja expressa como serviço generoso a todos os irmãos.

Você Pergunta

Como explicar a Santíssima Trindade a quem a nega?

PADRE CIDO PEREIRA
osaopaulo@uol.com.br

O Joaquim, do bairro do Jaçanã, me escreveu, aparentemente inquieto: “Padre Cido, as Testemunhas de Jeová dizem que a Igreja Católica prega que Deus, Jesus e o Espírito Santo são uma pessoa só. Eu discordo, mas quero saber se isso é verdade?”

Joaquim, meu irmão. As Testemunhas de Jeová negam a Santíssima Trindade e a divindade de Cristo, ao contrário de nós, católicos, que cremos que Deus se revelou a nós como um só Deus e três pessoas na única e mesma divindade. Na verdade, se formos considerar a negação da divindade de Cristo, podemos até, sem medo de errar e sem querer ofender a quem diz isso, afirmar que se constitui em uma espécie de “neojudaísmo”.

Para nós, cristãos católicos, Jesus Cristo, Filho de Deus, assumiu a nossa humanidade, para que nós, seres humanos, fôssemos, como Ele, filhos de Deus. Por isso, afirmamos nossa fé em Jesus Cristo, como dizemos no Credo: “Verdadeiro homem e verdadeiro Deus”.

Tenho um profundo respeito pelos nossos irmãos Testemunhas de Jeová. Eles fazem um bonito apostolado indo de casa em casa, oferecendo suas publicações. Entendo que devem ser respeitados por nós. Entendo, também, não ser ofensa alguma dizer aos que nos batem à porta que somos católicos apostólicos romanos, e muito felizes por isso. Fique com Deus, Joaquim, e que a Santíssima Trindade abençoe você e sua família.

‘A nossa vida neste mundo não é um caminhar para a morte, mas para o encontro com Deus’

AFIRMOU O CARDEAL SCHERER EM MISSA NO CEMITÉRIO GETHSÊMANI ANHANGUERA, NA COMEMORAÇÃO DE TODOS OS FIÉIS DEFUNTOS

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Desde as primeiras horas da manhã do sábado, 2, na Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, também conhecida como o Dia de Finados, já havia pessoas em oração diante dos jazigos do Cemitério Gethsêmani Anhanguera, na zona Noroeste da cidade.

“É impossível irmos ao cemitério, visitarmos o túmulo dos nossos falecidos e não nos perguntarmos: ‘Quando será o meu dia?’. Talvez muitos nem irão ao cemitério hoje para não se fazer esta pergunta incômoda: ‘Até quando vou viver? O que acontecerá comigo depois?’. É fácil tentar esconder essa pergunta, abafá-la, mas ela é real, faz parte da nossa vida. Todos um dia vamos morrer”, disse o Cardeal Odilo Pedro Scherer na homilia da missa que ele presidiu, às 8h, na capela deste cemitério mantido pela Arquidiocese de São Paulo. Concelebrou o Padre Orisvaldo Carvalho, Pároco da Paróquia Cristo Rei, da Região Lapa, cujo território abrange esse cemitério.

A RESPOSTA CRISTÃ

Dom Odilo destacou que diante dos questionamentos humanos sobre o sentido da vida e o que ocorre após a morte, há muitas respostas difundidas pelo mundo, mas o cristão deve se guiar por aquilo que diz a Palavra de Deus.

“A morte é uma etapa da nossa vida, mas nossa vida não se resume a esta



Dom Odilo Scherer preside missa na capela do Cemitério Gethsêmani Anhanguera, no sábado, 2, na Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos

etapa, pois seria uma grande desilusão a vida se resumir aos anos poucos que nós vivemos neste mundo”, afirmou o Arcebispo.

“Deus não nos fez para a morte, para o túmulo. Ele nos fez para viver. Deus tem mais vida para nós, para além deste mundo, a vida na Casa do Pai. Jesus mesmo falou ‘Eu vou para o Pai preparar um lugar para vocês’. A Igreja nos diz deste estar diante de Deus contemplando a Sua face na companhia de todos aqueles que lá já estão: os anjos, os santos e todas as pessoas que pela misericórdia de Deus alcançam a Casa do Pai”, explicou Dom Odilo. “A nossa vida neste mundo não é um caminhar para a morte, mas para o encontro com Deus, na direção da grande finalidade da nossa existência, que é estar com Deus e ser plenamente felizes com Ele”, enfatizou.

CRER NA RESSURREIÇÃO

Ao comentar a 1ª leitura proclamada na missa (Jó 19,1.23-27a), Dom Odilo destacou a profissão de fé de Jó

– “Eu sei que o meu redentor está vivo e que, por último, se levantará sobre o pó; e depois que tiverem destruído esta minha pele, na minha carne, verei a Deus”.

“Este texto vai ao fundo da questão: nós somos mortais, um dia nosso corpo será destruído, mas Deus vive. Para Deus, a morte do corpo não é o fim de tudo. Se Deus vive – e essa é a nossa certeza –, Ele também tem poder para nos tirar do pó da morte e nos fazer viver, não mais para este mundo, mas para a vida nova, a vida de ressuscitados. A resposta para o questionamento da morte é a Ressurreição de Jesus e com ela a promessa da nossa ressurreição dos mortos”, ressaltou.

O Arcebispo disse ainda que a passagem do Evangelho segundo São João que narra a ressurreição de Lázaro (cf. Jo 11,17-27) mostra que Cristo é vida e ressurreição e que todos que creem naquele que é o Pão Vivo descido do céu não serão descartados na hora da morte, mas salvos para a vida eterna.

‘COMO ESTAMOS VIVENDO?’

Na conclusão da homilia, Dom Odilo exortou os fiéis tanto a rezarem pelos falecidos quanto a pensarem sobre os rumos que têm dado à própria vida.

“Como estamos vivendo? Se eu fosse chamado hoje por Deus, estaria pronto? Não sabemos o dia e a hora. Estar sempre pronto significa nunca estar longe de Deus, viver a comunhão com Ele, a fé em Cristo sinceramente”, destacou, lembrando, porém, que isso não significa esperar a morte chegar. “Quem crê, quem confia em Deus, não precisa temer. Hoje é dia de tomarmos consciência da nossa vida para orientá-la no sentido da fé”, exortou.

Após a Comunhão, o Arcebispo rezou com os fiéis a oração pelos falecidos, distribuída a todos os participantes desta missa e das outras duas que ocorreram no Cemitério Gethsêmani Anhanguera (@gethsemanianhanguera). Por fim, Dom Odilo lembrou que a Igreja sempre recomenda que se reze pelos mortos e se ofereça a eles o santo sacrifício da missa.



MISSA NO CEMITÉRIO PARQUE DOS PINHEIROS

Na manhã do sábado, 2, o Cardeal Odilo Pedro Scherer presidiu missa no Cemitério Parque dos Pinheiros, na Vila Nova Galvão, na zona Norte. Na homilia, o Arcebispo Metropolitano de São Paulo destacou o significado cristão de rezar pelos falecidos, confiando na misericórdia de Deus e tendo esperança na ressurreição para a vida eterna. Ele também recomendou a todos que sigam o exemplo de fé dos santos e fez votos de que naquela missa na Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, os participantes possam ter renovado a esperança na vida eterna e rezado pela salvação dos que já faleceram. A Eucaristia teve como concelebrantes o Padre Lucas Gobbo, CR, Pároco da Paróquia Santa Dulce dos Pobres, Decanato São Matias da Região Santana, e o Padre Luís Carlos Ferreira Tose Filho, Secretário do Arcebispo, assistidos pelos Diáconos Gilson Crema, Marcelo dos Reis e Luiz Carlos Perez.

(por Robson Francisco, da coordenação Pascom da Região Santana)



PELOS CARDEAIS E BISPOS FALECIDOS

Na tarde da segunda-feira, 4, na Catedral da Sé, o Cardeal Odilo Pedro Scherer presidiu missa em sufrágio dos cardeais e bispos que estão sepultados na Cripta. Na ocasião, também foram recordados os sacerdotes falecidos e todos aqueles que desempenham o pastoreio na Igreja em São Paulo. “Deus tem para nós um lugar junto de Si quando nós falecermos”, afirmou na homilia. “Recordar os fiéis falecidos é ocasião para fortalecermos a fé na Palavra de Deus que nos promete vida ressuscitada, vida plena; fortalecer a nossa esperança e a nossa fidelidade a Cristo, a Deus”, comentou, exortando os fiéis a sempre estarem em comunhão com o Senhor. A Eucaristia teve como concelebrantes o Padre Luiz Eduardo Pinheiro Baronto, Cura da Catedral, e o Cônego Helmo Faccioli, Auxiliar do Cura. Ao final, Dom Odilo dirigiu-se até a Cripta para um momento de oração e aspergiu os túmulos.

(Colaborou: Fernando Arthur)

No Dia de Finados, enlutados encontram acolhimento em tendas de oração e de conversa em cemitérios

ROSEANE WELTER
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

No sábado, 2, Dia de Finados, quem foi ao Cemitério da Quarta Parada, no Belenzinho, pôde participar de uma das duas missas ali celebradas, além de encontrar sacerdotes, diáconos, seminaristas, membros de novas comunidades e leigos dispostos a oferecer uma palavra amiga, a oração em sufrágio dos falecidos e uma garrafinha de água benta em uma tenda montada próxima às salas de velório, na entrada principal.

A iniciativa, também realizada nos cemitérios da Vila Alpina e da Vila Formosa, foi conduzida pela Pastoral da Esperança da Região Belém.

A ESPERANÇA NA RESSURREIÇÃO

“A Pastoral busca reavivar no coração das pessoas o sentido da ressurreição da vida. Nossa ação não abrange somente a dimensão da ida a velórios ou cemitérios, mas tem por objetivo ressignificar a vida diante das frustrações ou da perda do sentido de viver, tendo a certeza de que Deus tem algo novo para nós”, disse, ao **O SÃO PAULO**, o Padre José Mário Ribeiro, Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, no Tatuapé, e Assessor Eclesiástico regional da Pastoral da Esperança.

A escala dos voluntários nessa ação envolveu todas as comunidades da Região Belém.

Os agentes dessa Pastoral se organizam em suas paróquias e comunidades para atender os fiéis nos momentos de exéquias e nos velórios. “É uma ocasião para acolher a família e evangelizar, aproximar as pessoas de Deus e ressignificar a dor em esperança e conforto, na certeza da ressurreição”, assegurou o Padre José Mário.

AJUDA A QUEM SOFRE A DOR DA PERDA

Marina Bueno, 62, foi ao Cemitério da Quarta Parada levar flores e rezar junto ao túmulo de seus entes já falecidos: João, esposo, e Manoel, filho. “Na tenda, ganhei uma bonita oração e palavras de conforto que serenaram meu coração, e uma garrafinha de água benta”, contou, emocionada.



Tenda do Serviço de Escuta é montada no Cemitério do Araçá, no sábado, 2; já na Região Belém, Pastoral da Esperança esteve em 3 cemitérios

“Todos os anos, venho ao cemitério e fiquei feliz em ver a presença da Igreja aqui na tenda”, comentou.

Isabela Pereira dos Santos, 16, é voluntária da Pastoral da Esperança na Paróquia Nossa Senhora da Conceição. “Nossa missão vai além da paróquia e, com nosso testemunho, queremos ajudar o irmão que sofre a dor da perda a amenizar a saudade com uma palavra amiga e, sobretudo, reforçar que com Jesus não estamos sozinhos. Ele nos guia e conforta”, disse.

A jovem contou que a Pastoral foi importante para ela quando seu avô, Dirceu, faleceu há dois anos: “Eu estava triste com sua partida e a Pastoral me ajudou a ressignificar a dor da perda para a saudade e a esperança”.

A ESCUTA QUE FAZ TODA A DIFERENÇA

Também no sábado, 2, no Cemitério do Araçá, no Sumaré, voluntários do Serviço de Escuta se revezaram para acolher as pessoas que passavam pela tenda em busca de conforto e oração. Algumas delas também participaram de uma das oito missas que a Região Sé organizou naquele dia no cemitério.

Ligia Terezinha Pezzuto, coordenado-

ra arquidiocesana do Serviço de Escuta, destacou que a montagem na tenda no cemitério teve o objetivo de acolher as pessoas em um dia que é difícil para muitas delas.

“O Serviço de Escuta atende qualquer pessoa, independentemente de denominação religiosa. Não é terapia, no sentido psicológico, nem Confissão. Não se trata de pregar a Palavra, mas, assim como Jesus, de escutar as pessoas. Ele as deixava falar, desabafar, como fez com os discípulos de Emaús (cf. Lc 24,13-35) e com a Samaritana (cf. Jo 4,5-42). Escutar as dores, as angústias, os sofrimentos da pessoa que nos procura é nossa missão”, explicou Ligia, elucidando que todos os voluntários participam de um curso preparatório com técnicas de escuta.

Na Arquidiocese de São Paulo, o Serviço de Escuta conta com aproximadamente 300 membros voluntários, atuando em diferentes paróquias.

COM OS OUVIDOS DO CORAÇÃO

Eliana Suemi Handa Okane, 60, é voluntária do Serviço de Escuta há dois anos, na Catedral da Sé. No Dia de Finados, ela esteve no Cemitério do Araçá: “O ato de escutar o irmão é um momento de escuta

do coração. Diante da pessoa, coloco-me em atitude de escuta profunda para que ela sinta confiança e liberdade em partilhar sua dor”.

Sobre a ação no cemitério, Eliana ressaltou que nesse dia as pessoas querem, além de rezar por seus entes queridos, verbalizar o que estão sentindo. “Aqui nossa missão é deixar a pessoa expressar sua dor para que se sinta confortada na saudade e na esperança”, finalizou.

Elisete Cândido, voluntária no Santuário São Judas Tadeu, participa dessa ação pastoral há quatro meses e um dia já precisou de alguém que a escutasse. “Estava em um momento delicado da vida e foi na Pastoral que encontrei essa acolhida e consegui ressignificar minha vida. Como forma de gratidão, quero ajudar a quem precisa, assim como um dia precisei e fui atendida com amor e solicitude”, frisou.

Gabriela Mendonça, 31, recepcionista, foi ao Cemitério do Araçá para o velório de um amigo, assassinado aos 36 anos, vítima de um assalto. “Aqui na tenda, encontrei pessoas que acolheram minha dor e me ajudaram a compreender que meu amigo está junto de Deus. Na certeza da ressurreição, vivo meu luto”, disse, emocionada.

Capelarias católicas: presença e acolhimento no momento de maior dor

Ser presença e consolo nos hospitais, seja para os enfermos, seja para seus familiares, é uma das missões centrais das capelarias católicas.

Padre Carlos Toselli, da Ordem dos Ministros dos Enfermos (Camilianos), é Capelão da Capelania Católica São Camilo de Lellis do Instituto Central do Hospital das Clínicas (IHC) da Faculdade de Medicina da USP. “O serviço do capelão é ir ao encontro daqueles que

sofrem no leito hospitalar, atendendo-os em suas necessidades e respeitando suas vulnerabilidades”, explicou o Sacerdote, destacando que essa missão exige disponibilidade constante e uma atitude de solicitude, refletindo o exemplo de Cristo ao cuidar dos enfermos.

Padre Carlos comentou que o contato com os pacientes e seus familiares, realizado por meio das visitas nos leitos e das missas na Capela do IHC,

proporcionam um relacionamento caloroso e um espaço fecundo de oração, além da administração de sacramentos como a Confissão e a Unção dos Enfermos.

O Sacerdote explicou, ainda, a atuação da capelania em favor das famílias enlutadas. “No momento oportuno, anunciamos-lhes a Palavra de Deus que conforta e traz esperança. É, verdadeiramente, uma pastoral de consolo e solida-

riedade. Disponibilizamos a oferecer nossa confiança em Deus Pai, que no seu Filho nos amou até o fim, para, assim, poder unir a Ele os sofrimentos dos que sofrem o luto”.

Padre Carlos detalhou que, quando necessário, é feita uma breve celebração no local em que a pessoa faleceu e depois, oportunamente, os familiares são convidados a participar de uma missa em sufrágio do falecido. (RW)

10 a 17 de novembro de 2024



Jornada Mundial dos Pobres

VIII Jornada Mundial dos Pobres

A oração do pobre eleva-se até Deus (cf. Sir 21, 5)



CNBB

Imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré é trazida ao MAS-SP

Luciney Martins/O SÃO PAULO



Igreja no Brasil prepara ações para a VIII Jornada Mundial dos Pobres

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Instituído pelo Papa Francisco em 2016, o Dia Mundial dos Pobres, celebrado anualmente no 33º Domingo do Tempo Comum, chegará à sua oitava edição no dia 17, com o tema “A oração do pobre eleva-se até Deus” (Sr 21,5).

Como nos anos anteriores, a proposta é conscientizar toda a sociedade sobre a realidade da pobreza e convidar a ações concretas de solidariedade e compaixão com os mais vulneráveis. Neste ano dedicado à oração, o Papa Francisco deseja que a data seja também uma oportunidade para que se reze em favor dos pobres e com eles, além de “uma ocasião propícia para realizar iniciativas que os ajudem concretamente”.

Nesse contexto, a Igreja no Brasil promoverá entre os dias 10 e 17 a VIII Jornada Mundial dos Pobres, com a meta de ir além de celebrações pontuais e proporcionar uma ampla reflexão, conscientização e ações concretas.

“Queremos mobilizar toda a sociedade brasileira, as igrejas, as pastorais, os movimentos para que possamos fazer esta grande mobilização de solidariedade, de justiça social e de compromisso para com nossos irmãos, de modo especial as pessoas mais vulneráveis. Que seja um mutirão de solidariedade, comunhão e fraternidade”, exortou Dom José Valdeci dos Santos Mendes, Bispo de Brejo (MA) e Presidente da Comissão Episcopal para a Ação Sociotransformadora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

SUBSÍDIOS

Para o bom êxito da iniciativa, a Comissão Episcopal para a Ação Sociotransformadora desenvolveu um subsídio celebrativo e orante, que permite aprofundar a reflexão sobre o tema da Jornada e a espiritualidade da pobreza.

Há, ainda, sugestões de atividades a serem feitas, como visitas às comunidades que estão em situação de vulnerabilidade, momentos de oração com os mais pobres e ações de solidariedade e de promoção da dignidade humana.

“Os pobres têm muitos rostos e habi-

tam em muitos lugares: na rua, nas favelas e periferias, nos abrigos de crianças, adolescentes e idosos, nos lixões, nas casas de recuperação a dependentes químicos, nas ocupações urbanas ou rurais, nos presídios... Realizem ações nos espaços onde vivem, criem momentos de convivência, sobretudo possibilitem espaços de escuta”, consta no subsídio.

DIA DE AÇÃO SOCIAL CARITAS

Na Arquidiocese de São Paulo, entre as iniciativas programadas para a VIII Jornada Mundial dos Pobres está a realização do “Dia de Ação Social Caritas”, nos núcleos regionais Lapa, Sé e Belém.

O Núcleo Regional Lapa realizará no domingo, 10, das 9h às 12h, no CTA 8 - Centro Temporário de Acolhimento, em parceria com a Associação Comunitária São Mateus, ações aos acolhidos do CTA, ofertando-lhes um café da manhã, além de bazar com roupas gratuitas e música ao vivo. Também haverá corte de cabelos e atendimento com advogados. O endereço é Rua Capitão José Inácio do Rosário, 56, no Parque Residencial da Lapa.

O Núcleo Regional Sé, por sua vez, realizará um mutirão de atividades no Largo do Paissandu, em frente à Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no dia 17, das 9h30 às 16h, incluindo corte de cabelo e barba, atendimento jurídico, escuta humanizada, ofi-

cina de jogos e artesanato natalino, bazar solidário, entrega de itens de higiene pessoal e atendimento básico de saúde.

Já o Núcleo Regional Belém realizará as seguintes ações nos próximos dias:

- ✓ Sábado, 9, das 10h às 15h, Oficina “Lixo Zero”, no Centro Social Padre Cícero Romão, da Paróquia Santa Terezinha (Avenida dos Latinos, 627, Jardim Santa Terezinha);
- ✓ Domingo, 10, das 8h às 12h, atendimento com optometristas do Lions Club, na Comunidade Nelson Cruz, no Belenzinho;
- ✓ Quarta-feira, 13, das 11h às 17h, “Banquete do Menino Deus”, na Comunidade Menino de Deus, da Paróquia São Paulo Apóstolo (Rua Pedrinópolis, 25, Jardim Paraguaçu);
- ✓ Sábado, 16, das 9h às 11h, café da manhã na Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho (Rua da Mooca, 3.911, Mooca), e no mesmo dia, das 10h às 15h, “Cuidando da Casa Comum” – Projeto Lixo Zero, na Paróquia Santa Teresa de Calcutá (Travessa dos Fidélis, 42, Jardim Arantes).
- ✓ Domingo, 17, das 9h às 11h, café da manhã, na Comunidade São Judas Tadeu, da Paróquia São Marcos Evangelista (Rua Redução do Guarambarré, 174, Parque São Rafael).

(Com informações da Caritas Arquidiocesana de São Paulo)

Centenas de devotos de Nossa Senhora de Nazaré foram ao Museu de Arte Sacra de São Paulo (MAS-SP), em 30 de outubro, para venerar a imagem mariana vinda de Belém (PA).

Após a chegada ao Aeroporto de Guarulhos, pela manhã, a imagem foi levada até a Praça Coronel Fernando Prestes, em frente ao Metrô Tiradentes, sendo de lá conduzida ao Museu. À tarde, houve missa na Capela do Mosteiro Nossa Senhora da Luz, após a qual a imagem foi levada à clausura das monjas concepcionistas, para um momento de veneração e orações.

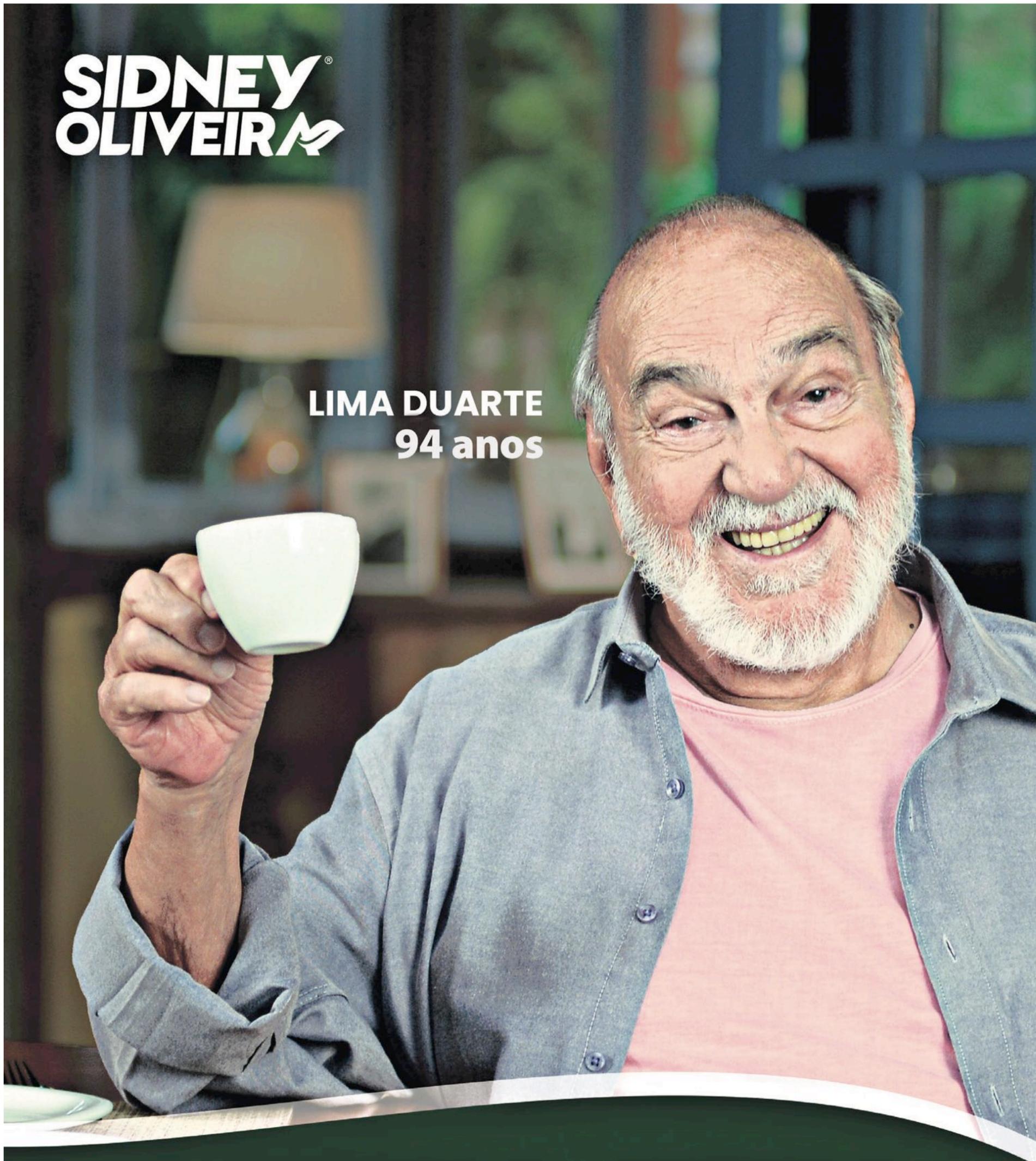
A peregrinação da imagem, encerrada no próprio dia 30, se deu por ocasião da inauguração da exposição “Caminhos para Belém – o amor que flui como água”, com fotos de Alexandre Baena, sobre o tradicional Círio de Nazaré, que poderá ser vista até dia 24 deste mês, na Sala MAS-Metrô Tiradentes, com entrada gratuita para os usuários do Metrô, durante o horário de funcionamento da estação. (DG)

Setor Juventude

CRISTO VIVE CRISTO VIVE

**SIDNEY[®]
OLIVEIRA**

**LIMA DUARTE
94 anos**



VITALION

Uma linha de vitaminas que melhora a **disposição**,
aumenta a **imunidade** e a **longevidade**.

Pesquisa do Sefras alerta para a desidratação das pessoas em situação de rua

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Com a solidariedade das igrejas, organizações da sociedade civil e ações do poder público, muitas pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo têm conseguido realizar ao menos uma refeição por dia. Mas será que elas se hidratam adequadamente?

O Sefras - Ação Social Franciscana publicou em outubro os resultados de uma pesquisa realizada com um grupo de cerca de 40 pessoas que participam de atividades semanais em seu Núcleo de Convivência para Adultos em Situação de Rua, o Chá do Padre, no bairro da Sé: 47% delas apresentavam desidratação, 29% estavam em risco para tal e 24% se mostravam adequadamente hidratadas.

Na pesquisa, conduzida por Paloma Brasil, nutricionista do Sefras, os participantes responderam a perguntas sobre a frequência com a qual tomam água, passaram por uma avaliação clínica particularizada e foram orientados sobre a quantidade ideal de consumo diário de água, além de receberem um panfleto com informações sobre os pontos públicos com água potável e os locais nos quais a Prefeitura de São Paulo costuma disponibilizar água quando se registram altas temperaturas na cidade.

Entre os parâmetros para avaliar o estado de hidratação das pessoas foram considerados a sede intensa, boca e pele ressecadas, olhos fundos, pouca ou nenhuma produção de lágrimas, diminuição da sudorese e o tempo de resposta que a pele leva para voltar ao normal após ser puxada (quanto maior a demora, maior o indicativo de desidratação). Fatores como a pulsação, frequência cardíaca, cor da urina, confusão mental, tontura e sonolência também foram considerados. Não houve, porém, coletas de sangue, fezes ou urina para exames laboratoriais.

DIFICULDADE EM ENCONTRAR ÁGUA PARA BEBER

Em entrevista ao **O SÃO PAULO**, Paloma Brasil explicou que não é incomum que as pessoas idosas – público



Pessoas em situação de rua participam da pesquisa no Chá do Padre; bebedouro no Largo da Concórdia é um dos quais elas podem se hidratar



majoritário da pesquisa – confundam a sensação de sede com a de fome e, assim, consumam pouca água ou que evitem tomá-la para que não tenham incontinência urinária, algo muito corriqueiro nesta fase da vida.

O dado mais significativo, porém, é que muitos dos entrevistados relataram que bebem pouca água em razão da dificuldade para encontrá-la disponível em locais públicos, precisando, por exemplo, fazer consideráveis deslocamentos para encontrar um bebedouro.

Diante dos relatos, Paloma e duas estagiárias realizaram uma busca ativa pela região central. “Não há muitos locais com água disponível. Os únicos que nós encontramos foram no Largo da Concórdia, no Brás, e no Parque da Luz. No Brás, eles conseguem água durante 24 horas. Já o parque fica fechado em alguns horários”, lembrou a nutricionista. “Percebo que a preocupação com a hidratação geralmente surge apenas durante períodos de calor intenso”, complementou.

AMPLA AÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

Paloma disse que o Sefras tenta mitigar essa situação oferecendo água potável em todos os seus locais de atendi-

mento e dando às pessoas em situação de rua garrafinhas com água para que possam se hidratar em diferentes momentos do dia.

De acordo com o Sefras, os resultados da pesquisa “reforçam a necessidade de intervenções contínuas para conscientizar sobre a importância da hidratação e ampliar o acesso à água potável em áreas urbanas. A criação de novos pontos de hidratação é uma medida urgente para prevenir complicações de saúde relacionadas à desidratação, especialmente entre a população em situação de rua”.

A nutricionista recomendou que os grupos que já fazem a distribuição de refeições às pessoas em situação de rua também se engajem para ajudá-las a se hidratar bem, seja pela distribuição de água, seja instalando bebedouros em seus espaços de atendimento. “Os grupos de paróquias que já servem refeições poderiam também ofertar copinhos de água, garrafinhas com água. Alimentação e água são fundamentais para manter um corpo saudável”, apontou.

OBRA DE MISERICÓRDIA

Na Paróquia Senhor Bom Jesus dos Passos, na Praça Portugal, em Pinhei-

ros, Região Episcopal Sé, “dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede” (cf. Mt 25,35) são obras de misericórdia realizadas desde a década de 1980.

Especificamente sobre a distribuição de água, um projeto tem ocorrido desde o começo da pandemia de COVID-19, em 2020, com a entrega diária de cerca de 90 garrafas de água de 500ml às pessoas em situação de vulnerabilidade.

Segundo Maria Aparecida Melges, responsável pelos trabalhos sociais da Paróquia, uma academia e uma sorveteria doam as garrafinhas vazias. Na Paróquia, as garrafas e as tampinhas passam por um cuidadoso processo de higienização, os rótulos são retirados e, por fim, é colocada a água filtrada. Quando a Paróquia recebe doações de garrafinhas cheias, também as repassa aos atendidos. “Eles são imensamente gratos pelo trabalho desenvolvido de podermos saciar a sede de cada um”, assegurou.

Para as paróquias que desejam iniciar um trabalho similar, Maria Aparecida diz que o mais importante é ter pessoas disponíveis para manter a frequência nos atendimentos. Interessados em colaborar com a iniciativa podem entrar em contato pelo telefone (11) 3085-9740.

Prefeitura tem operação especial para dias com altas temperaturas

Diante da publicação da pesquisa do Sefras, a reportagem do **O SÃO PAULO** questionou a Prefeitura sobre as ações que realiza para evitar os riscos de desidratação das pessoas em situação de rua.

Por meio de sua assessoria de imprensa, a Prefeitura de São Paulo informou que desde setembro de 2023 a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (Smads) realiza a Operação Altas Temperaturas (OAT) em dias de calor excessivo, a qual “consiste em intensificar a infraestrutura da rede socioassistencial e a abordagem das

pessoas em situação de vulnerabilidade para que elas possam se proteger, evitando insolação, desidratação e outros problemas que podem decorrer da exposição ao calor. Sempre que os termômetros ou a sensação térmica atingem 32°C ou mais, são montadas dez tendas em pontos estratégicos da cidade. Nelas, é possível atender qualquer pessoa que queira um abrigo com temperatura amena para descansar e se hidratar, além de oferecer líquidos gelados, como água e suco, e frutas. As tendas também disponibilizam bebedouros da Sabesp com

livre uso de água, inclusive para *pets*”.

A assessoria informou ainda que nos 16 Núcleos de Convivência para pessoas em situação de rua há, entre outros serviços, a oferta de água potável, e o mesmo acontece na Estação Cidadania, mantida pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania na Avenida Rangel Pestana, onde há grande concentração de pessoas em situação de rua.

A Prefeitura informou, também, que “a Secretaria Municipal da Saúde (SMS) integra a OAT. Por meio dos serviços da Rede de Atenção à Saúde, Unidades Bá-

sicas de Saúde (UBSs) e das equipes de Consultório na Rua, são intensificadas as orientações e ações de prevenção do risco de hipertermia para as pessoas em situação de rua, com especial atenção às suas vulnerabilidades específicas, em seus territórios de abrangência. Nas tendas da OAT ocorrem atendimentos de enfermagem, com verificação de pressão arterial e orientações quanto aos riscos de hipertermia e, caso seja necessário, há disponibilidade de ambulância para remoção para os serviços de urgência e emergência”. (DG)



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

‘Dilexit nos’: à luz da misericórdia, a Igreja se volta ao coração

Marcelo Cypriano Motta*

Um documento de especial beleza – com a força de fazer voltar ao coração! – *Dilexit nos* (DN) está destinado a marcar profundamente os caminhos de esperança até uma Igreja sinodal, missionária e misericordiosa, e vem somar-se ao Sínodo sobre a sinodalidade, ao Jubileu Extraordinário da Misericórdia (2016) e no Jubileu da Esperança (2025), e fazer redescobrir, mais uma vez, todo o valor da *Laudato si’* e da *Fratelli Tutti* (cf. DN 217). Essa encíclica, com efeito, não se limita a uma determinada revelação particular da devoção ao Coração de Cristo. Ao contrário, mesmo sem perder de vista esta “devoção”, nas suas variadas expressões na história da Igreja (dando o devido lugar a cada uma delas), a encíclica contempla o manancial inesgotável de amor e misericórdia do Coração de Cristo à luz do Evangelho e de toda a rica tradição espiritual da Igreja, até nossos dias (cf. particularmente os Capítulos III e IV). É um repositório doutrinário e místico precioso, sofisticado na sua construção, e com grandes repercussões pastorais.

“A oração mais popular, dirigida como um dardo ao Coração de Cristo, diz simplesmente: ‘Eu confio em Vós’ (SANTA FAUSTINA



Arte: Sergio Ricciuto Conte

Nesta edição, o Caderno Fé e Cultura traz alguns trechos da nova encíclica do Papa Francisco, Dilexit nos, como uma espécie de “degustação” que convida à sua leitura na íntegra, pois ela merece ser meditada, para iluminar nossa compreensão do mistério do amor cheio de misericórdia que Deus nos dedica.

KOWALSKA. Diário, 47)” (DN 90). É preciso retornar ao coração, pois o homem contemporâneo está quase privado de um princípio interior que crie unidade e harmonia

no seu ser e no seu agir. “Falta o coração.” (DN 9). Este é um tempo de renovação da Igreja, portanto, não estamos aquém da nova encíclica do Papa Francisco, para que, diri-

gindo-nos ao “Coração de Cristo, sinal eloquente da misericórdia divina”, haja frutos abundantes, entre os quais o retorno ao coração, também pela invocação “Jesus, confio em Vós”, que, por disposição da divina Providência, é conduzida a uma nova fase, mediante uma doutrina a ser exposta em toda a sua novidade, segundo a economia da misericórdia.

* Advogado, contemplado com a Medalha “São Paulo Apóstolo” 2018, atua na “Promoção da Cultura da Misericórdia”.

...E descobrimo-nos muito amados...

Dilexit nos

(DN 1-6, 48-51, 218-219)

“Amou-nos”, diz São Paulo referindo-se a Cristo (Rm 8, 37), para nos ajudar a descobrir que nada “será capaz de separar-nos” desse amor (Rm 8, 39). Paulo afirmava-o com firme certeza, porque o próprio Cristo tinha garantido aos seus discípulos: “Eu vos amei” (Jo 15, 9.12). Disse também: “Chamei-vos amigos” (Jo 15, 15). O seu coração aberto precede-nos e espera-nos incondicionalmente, sem exigir qualquer pré-requisito para nos amar e oferecer a sua amizade: Ele amou-nos primeiro (cf. 1 Jo 4, 10). Graças a Jesus, “conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele” (1 Jo 4, 16).

Papa Francisco nos conduz, nos trechos a seguir da Dilexit nos da alegria de compreender-se amado de forma grandiosa e imerecida ao empenho com a construção de uma humanidade renovada.

Para exprimir o amor de Jesus Cristo, recorre-se frequentemente ao símbolo do coração [...] No grego clássico profano, o termo *kardia* designa a parte mais íntima dos seres humanos, dos animais e das plantas [...] Desde a antiguidade, advertimos a importância de considerar o ser humano não como uma soma de diferentes capacidades, mas como um complexo anímico-corpóreo com um centro unificador que dá a tudo o que a pessoa experimenta um substrato de sentido e orientação [...]

Frequentemente, esta verdade íntima de cada pessoa está escondida debaixo de muita superficialidade, o que torna difícil o autoconhecimento e ainda mais difícil conhecer o outro [...] A mera aparência, a dissimulação e o engano danificam e pervertem o coração. Para além das muitas tentativas de mostrar ou exprimir o que não somos, é no coração que se decide tudo: ali não conta o que mostramos exteriormente ou o que ocultamos, ali conta o que somos [...]

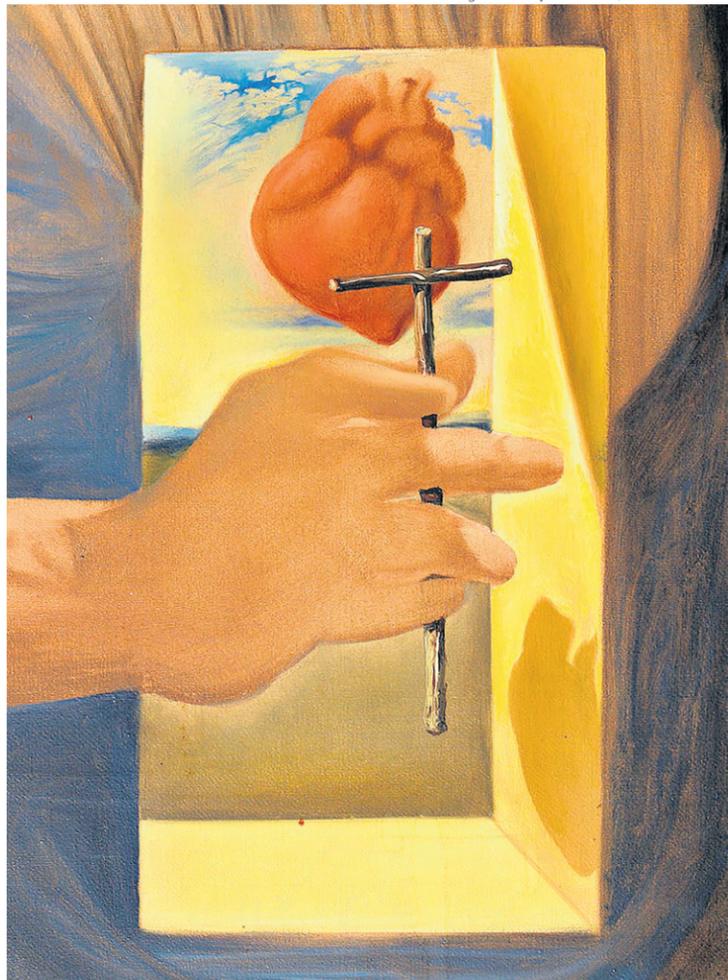
Hoje, tudo se compra e se paga, e

parece que o próprio sentido da dignidade depende das coisas que se podem obter com o poder do dinheiro. Somos instigados a acumular, a consumir e a distrairmo-nos, aprisionados por um sistema degradante que não nos permite olhar para além das nossas necessidades imediatas e mesquinhas. O amor de Cristo está fora desta engrenagem perversa e só Ele pode libertar-nos desta febre em que já não há lugar para o amor gratuito. Ele é capaz de dar coração a esta terra e reinventar o amor lá onde pensamos que a capacidade de amar esteja morta para sempre [...] Da ferida do lado de Cristo continua a correr aquele rio que nunca se esgota, que não passa, que se oferece sempre de novo a quem quer amar. Só o seu amor tornará possível uma nova humanidade.

Compreender o coração humano

Dilexit nos
(DN 9-18, 23, 25-26)

Detalhe da obra "Sagrado Coração de Jesus", de Salvador Dalí



Precisamos recuperar este centro pessoal, fundamento da nossa humanidade, que só pode ser integrado na perspectiva do amor como nos lembra o Papa na Dilexit nos.

Neste mundo líquido, é necessário voltar a falar do coração; indicar onde cada pessoa, de qualquer classe e condição, faz a própria síntese; onde os seres concretos encontram a fonte e a raiz de todas as suas outras potências, convicções, paixões e escolhas. Movemo-nos, porém, em sociedades de consumidores em série, preocupados só com o agora e dominados pelos ritmos e ruídos da tecnologia, sem muita paciência para os processos que a interioridade exige. Na sociedade atual, o ser humano “corre o perigo de se desorien-

tar do centro de si mesmo” (SÃO JOÃO PAULO II. *Angelus*, 02/07/2000). “O homem contemporâneo encontra-se com frequência transtornado, dividido, quase privado de um princípio interior que crie unidade e harmonia no seu ser e no seu agir. Modelos de comportamento infelizmente bastante difundidos, exaltam a sua dimensão racional-tecnológica, ou, ao contrário, a instintiva” (IDEM. Catequese [in] *L'Osservatore Romano*, 11/06/1994). Falta o coração.

Dar ao coração seu devido lugar. [...] Muitos, para construir os seus sistemas de pensamento, sentiram-se seguros no âmbito mais controlável da inteligência e da vontade. E, ao não se encontrar um lugar para o coração, como algo distinto das faculdades e das paixões humanas consideradas separadamente, também não se desenvolveu suficientemente a ideia de um centro pessoal, que só pode ser unificado, em última análise, pelo amor.

Ao não se dar o devido valor ao coração, desvaloriza-se também o que significa falar a partir do coração, agir com o coração, amadurecer e curar o coração. Quando não se consideram as especificidades do coração, perdemos as respostas que a inteligência por si só não pode dar, perdemos o encontro com os outros, perdemos a poesia. E perdemos a história e as nossas histórias, porque a verdadeira aventura pessoal é aquela que se constrói a partir do coração. No fim da vida, só isso contará.

É preciso afirmar que temos um coração e que o nosso coração coexiste com outros corações que o ajudam a ser um “tu” [...] Por outro lado, esse poder único do coração ajuda-nos a compreender por que é que se diz que, quando apreendemos uma realidade com o coração, podemos conhecê-la melhor e mais plenamente. Isto conduz-nos inevitavelmente ao amor de que esse coração é capaz, porque “o mais íntimo da realidade é amor”, como observa Karl Rahner [...]

Ao mesmo tempo, é o coração que torna possível qualquer vínculo autêntico, porque uma relação que não é construída com o coração não pode ultrapassar a fragmentação do individualismo. Restariam apenas duas individualidades que se justapõem, mas não se ligam verdadeiramente. Uma sociedade cada vez mais

dominada pelo narcisismo e pela autorreferencialidade é uma sociedade “anti-coração”. E, por fim, chega-se à “perda do desejo”, porque o outro desaparece do horizonte e nos fechamos no nosso egoísmo, sem capacidade para relações saudáveis. Como resultado, tornamo-nos incapazes de acolher Deus [...]

Vemos, assim, como no coração de cada pessoa se produz esta ligação paradoxal entre a valorização do próprio ser e a abertura aos outros, entre o encontro muito pessoal consigo mesmo e o dom de si aos outros. Só nos tornamos nós próprios quando adquirimos a capacidade de reconhecer o outro, e só encontra o outro quem é capaz de reconhecer e aceitar a própria identidade.

Quando alguém reflete ou medita sobre o próprio ser e a sua identidade, ou analisa questões mais elevadas; quando pensa no sentido da própria vida e até mesmo procura a Deus, e ainda quando sente o gosto de ter vislumbrado algo da verdade; todas estas reflexões exigem que se encontre o seu ponto culminante no amor. Amando, a pessoa sente que sabe o porquê e para que vive. Assim, tudo converge para um estado de conexão e de harmonia. Por isso, diante do próprio mistério pessoal, talvez a pergunta mais decisiva que se possa fazer seja esta: tenho coração?

Um diálogo entre dois corações. Onde o filósofo detém o seu pensamento, o coração fiel ama, adora, pede perdão e oferece-se para servir no lugar que o Senhor lhe dá para O seguir. Então, percebe o que é o “tu” de Deus e que pode ser um “eu”, porque Deus é um “tu” para ele. Na realidade, somente o Senhor se dispõe a tratar-nos sempre – e para sempre – como um “tu”. Aceitar a sua amizade é uma questão de coração e constitui-nos como pessoas no sentido pleno da palavra.

[...] São John Henry Newman tomou como lema a frase *Cor ad cor loquitur* (“O coração fala ao coração”), porque, para além de toda dialética, o Senhor salva-nos, falando ao nosso coração a partir de seu Sagrado Coração [...] o lugar do encontro mais profundo consigo mesmo e com o Senhor não está na leitura ou na reflexão, mas no diálogo orante, de coração a coração, com Cristo vivo e presente [...]

E sejamos cautelosos: tenhamos consciência de que o nosso coração não é autossuficiente; é frágil e ferido [...] Precisamos da ajuda do amor divino. Recorramos, pois, ao Coração de Cristo, o centro do seu ser, que é uma fornalha ardente de amor divino e humano, a mais alta plenitude que a humanidade pode atingir. É aí, nesse Coração, que finalmente nos reconhecemos e aprendemos a amar.

SALVADOR DALÍ, Cristo de São João da Cruz



O mundo pode mudar a partir do coração

Dilexit nos
(DN 28-31)

Francisco, na Dilexit nos, nos apresenta um princípio unificador, que pode ajudar cada ser humano e toda a humanidade a ir ao encontro da paz.

Só a partir do coração é que as nossas comunidades serão capazes de unir e pacificar os diferentes intelectos e vontades, para que o Espírito nos possa guiar como uma rede de irmãos, porque a pacificação é também uma tarefa do coração. O Coração de Cristo é êxtase, é saída, é dom, é encon-

tro. Nele, tornamo-nos capazes de nos relacionarmos uns com os outros de forma saudável e feliz, e de construirmos neste mundo o Reino de amor e de justiça. O nosso coração, unido ao de Cristo, é capaz deste milagre social.

Levar o coração a sério tem consequências sociais. Como ensina o Concílio Vaticano II, “temos, com efeito, de reformar o nosso coração, com os olhos postos no mundo inteiro e naquelas tarefas que podemos realizar juntos para o progresso da humanidade” (*Gaudium et spes*, GS 82). Porque “os desequilíbrios de que sofre o mundo atual estão ligados com aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do ser humano” (GS 10).

[...] “Cristo é o coração do mundo; a sua Páscoa de morte e ressurrei-

ção é o cerne da história que, graças a Ele, é história da salvação” (SÃO JOÃO PAULO II. *Alocução do Angelus*, 28/06/1998). Todas as criaturas avançam “juntamente conosco e por meio de nós, para a meta comum, que é Deus, em uma plenitude transcendente em que Cristo ressuscitado tudo abraça e ilumina” (*Laudato si'*, LS 8). Diante do Coração de Cristo, peço mais uma vez ao Senhor que tenha compaixão desta terra ferida, que Ele quis habitar como um de nós. Que derrame os tesouros da sua luz e do seu amor, para que o nosso mundo, que sobrevive entre guerras, desequilíbrios socioeconômicos, consumismo e o uso anti-humano da tecnologia, recupere o que é mais importante e necessário: o coração.

O terno amor que encontramos no Coração de Jesus

Dilexit nos

(DN 32-39, 46, 59, 69)

Recorrendo à devoção ao Sagrado Coração, o Papa Francisco nos apresenta, na *Dilexit nos*, com palavras comoventes, toda a intensidade do amor de Deus por nós.

O Coração de Cristo, que simboliza o centro pessoal do qual brota o seu amor por nós, é o núcleo vivo do primeiro anúncio. Ali se encontra a origem da nossa fé, a fonte que mantém vivas as convicções cristãs [...] O Evangelho diz que Jesus “veio para os seus” (Jo 1, 11). Os “seus” somos nós, pois não nos trata como algo estranho. Considera-nos como propriedade sua, que guarda com cuidado, com afeto. Trata-nos como seus [...] Ele nos propõe a pertença mútua dos amigos [...] Ele tem outro nome, que é “Emanuel” e significa “Deus conosco”, Deus próximo à nossa vida, vivendo entre nós. O Filho de Deus encarnou e “esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo” (Fl 2, 7) [...]

Visto que nos custa confiar, porque fomos feridos por tantas falsidades, agressões e desilusões, Ele susurra-nos ao ouvido: “Filho, tem confiança” (Mt 9, 2); “Filha, tem confiança” (Mt 9, 22). Trata-se de vencer o medo e de tomar consciência de que, com Ele, não temos nada a perder [...] Não tenhas medo. Deixa-O aproximar-se e sentar-se ao teu lado. Podemos duvidar de muitas pessoas, mas não Dele. E não te paralises por causa dos teus pecados. Recorda-te de que muitos pecadores “sentaram-se com Ele” (Mt 9, 10) e Jesus não se escandalizou com nenhum deles. Esse mesmo Jesus espera hoje que lhe dê a possibilidade de iluminar a tua existência, de erguer-te, de encher-te com a sua força [...] Ele consegue sempre uma maneira para se manifestar na tua vida, para que tu O possas encontrar.

O Evangelho conta-nos que se aproximou Dele um homem rico, cheio de ideais, mas sem forças para mudar de vida. Então, “Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele” (Mc 10, 21). Consegues imaginar esse instante, o encontro entre os olhos deste homem e o olhar de Jesus? Se te chama, se te convoca para uma missão, primeiro Ele olha para ti, penetra no teu in-

timo, percebe e conhece tudo o que há em ti, pousa sobre ti o seu olhar [...]

As palavras que Jesus pronunciou indicavam que a sua santidade não elimina os sentimentos. Por vezes, mostravam um amor apaixonado, que sofre por nós, se comove, se lamenta e chega, até mesmo, às lágrimas. É evidente que Ele não era indiferente às preocupações e angústias comuns das pessoas, como o cansaço ou a fome: “Tenho compaixão desta multidão [...] Não tem nada para comer [...] desfalecerão no caminho, e alguns vieram de longe” (Mc 8, 2-3).

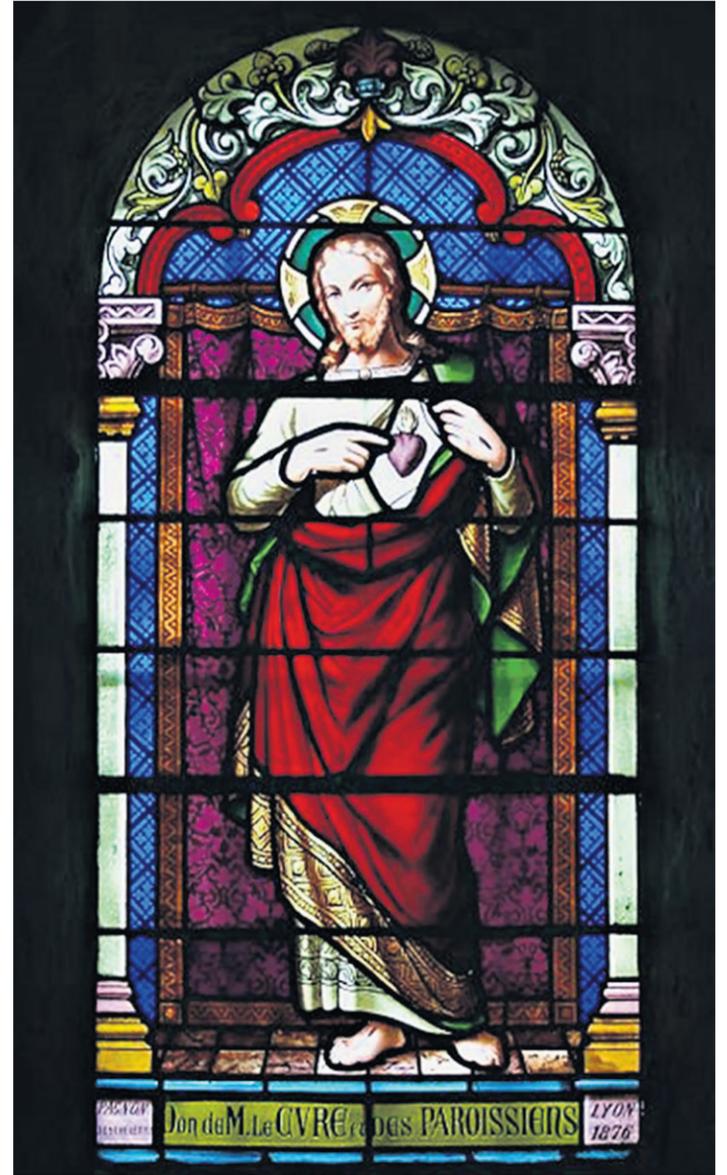
Tudo isto, à primeira vista, pode parecer um mero romanticismo religioso. No entanto, é o que há de mais sério e mais decisivo. Encontra a sua expressão máxima em Cristo pregado numa cruz. Essa é a palavra de amor mais eloquente. Não se trata de algo superficial, não é puro sentimento, não é uma alienação espiritual. É amor. Por isso, quando São Paulo procurava as palavras certas para explicar a sua relação com Cristo, disse: “Amou-me e a Si mesmo se entregou por mim” (Gl 2, 20). Esta era a sua maior convicção: saber-se amado. A entrega de Cristo na cruz subjugava-o, mas só fazia sentido porque havia algo ainda maior do que essa entrega: “Amou-me”. Quando muitas pessoas procuravam em várias propostas religiosas salvação, bem-estar ou segurança, Paulo, tocado pelo Espírito, soube olhar além e maravilhar-se com o que há de maior e mais fundamental: “Amou-me” [...]

Em um coração humano, podem reinar o ódio, a indiferença e o egoísmo. Porém, não atingimos a nossa plena humanidade se não saímos de nós mesmos, tal como não nos tornamos inteiramente nós mesmos se não amamos. Portanto, o centro mais íntimo da nossa pessoa, criado para o amor, só realizará o projeto de Deus enquanto amar. Assim, o símbolo do coração também simboliza o amor [...]

São João da Cruz quis exprimir que, na experiência mística, o amor incomensurável de Cristo ressuscitado não é sentido como estranho à nossa vida. O

Infinito de algum modo desce para que, através do Coração aberto de Cristo, possamos experimentar um encontro de amor verdadeiramente recíproco [...] Este místico entende a figura do lado ferido de Cristo como um apelo à plena união com o Senhor. Ele é o

Aubry Francon. Fonte Wikimedia Commons



cervo ferido que, quando ainda não nos tínhamos deixado tocar pelo seu amor, desce às correntes de água para saciar a sua própria sede, e que encontra conforto sempre que nos dirigimos a Ele.

Entendendo a devoção e seu símbolo

Dilexit nos

(DN 48-57, 63, 114-115, 159-160)

A devoção ao Coração de Cristo não é o culto a um órgão separado da Pessoa de Jesus [...] É indispensável sublinhar que nos relacionamos com a Pessoa de Cristo, por meio da amizade e da adoração, atraídos pelo amor representado na imagem do seu Coração. Veneramos essa imagem que O representa, mas a adoração dirige-se apenas a Cristo vivo, na sua divindade e em toda a sua humanidade, para nos deixarmos abraçar pelo seu amor humano e divino.

Há uma experiência humana universal que torna esta imagem única. Pois não há dúvida de que, ao longo da história e em várias partes do mundo, o coração se tenha tornado um símbolo da intimidade mais pessoal e também do afeto, emoções e capacidade de amar. Para além de qualquer explicação científica, a mão colocada

Nestes trechos da encíclica *Dilexit nos*, o Papa Francisco nos ajuda a entender o sentido da devoção ao Sagrado Coração e seu simbolismo.

sobre o coração de um amigo exprime um afeto especial; quando uma pessoa se apaixona e está perto da pessoa amada, o batimento cardíaco acelera; quando alguém sofre um abandono ou uma desilusão por parte da pessoa amada, sente uma espécie de forte opressão no coração. Por outro lado, para exprimir que algo é sincero, que vem realmente do centro da pessoa, afirma-se: “Digo-o do fundo do coração”. A linguagem poética não pode ignorar a força destas experiências. Por isso, é inevitável que, ao longo da história, o coração tenha alcançado uma força simbólica única, que não é meramente convencional.

Algumas destas imagens podem parecer-nos pouco atrativas e não nos mover muito ao amor e à ora-

ção. Isso é secundário, pois a imagem não é mais do que uma figura motivadora, e, como diriam os orientais, não devemos fixar-nos no dedo que aponta para a lua [...]

O desejo inevitável de consolar Cristo, que surge da dor de contemplar o que Ele sofreu por nós, alimenta-se também do reconhecimento sincero das nossas escravidões, dos nossos apegos, da nossa falta de alegria na fé, das nossas buscas vãs e, para além dos pecados concretos, da falta de correspondência do nosso coração ao seu amor e ao seu projeto. É uma experiência que nos purifica, porque o amor precisa da purificação das lágrimas que, no final, nos deixam mais sedentos de Deus e menos obcecados por nós próprios [...]

Quanto mais profundo se torna o desejo de consolar o Senhor, mais se aprofunda a compunção do coração crente, que “não é um sentimento de culpa que te lança por terra, nem uma série de escrúpulos que paralisam, mas é uma picada benéfica que queima intimamente e cura, pois o coração, quando se dá conta do próprio mal e se reconhece pecador, abre-se, acolhe a ação do Espírito Santo” (FRANCISCO. [Homilia na Missa Crismal](#), 28/03/2024) [...].

Peço, portanto, que ninguém ridicularize as expressões de fervor devoto do santo povo fiel de Deus, que na sua piedade popular procura consolar Cristo. E convido cada um a perguntar-se se não há mais racionalidade, mais verdade e mais sabedoria em certas manifestações desse amor que procura consolar o Senhor do que nos atos de amor frios, distantes, calculados e mínimos de que nós, que julgamos possuir uma fé mais reflexiva, cultivada e madura, somos capazes.

Expressões recentes do Magistério sobre a devoção ao Sagrado Coração

Dilexit nos
(DN 78-88, 167-168)

No final do século XIX, Leão XIII convidava-nos a consagrarmos-nos ao Coração de Cristo e, na sua proposta, unia, ao mesmo tempo, o apelo à união com Cristo e a admiração perante o esplendor do seu amor infinito [na encíclica *Annum Sacrum*]. Cerca de trinta anos depois, Pio XI apresentou esta devoção como o resumo da experiência da fé cristã (*Miserentissimus Redemptor*, MR 3). Além disso, Pio XII sustentou que o culto do Sagrado Coração exprime de forma excelente, como uma síntese sublime, a nossa adoração a Jesus Cristo (*Haurietis Aquas*, HA 4, 43, 52).

Mais recentemente, São João Paulo II apresentou o desenvolvimento deste culto nos séculos passados como uma resposta ao crescimento de formas de espiritualidade rigoristas e desencarnadas que esqueciam a misericórdia do Senhor, mas ao mesmo tempo como um apelo contemporâneo a um mundo que procura construir-se sem Deus: “A devoção ao Sagrado Coração, do modo como se desenvolveu na Europa há dois séculos, sob o impulso das experiências místicas de Santa Margarida Maria Alacoque, foi a resposta à rigorosidade jansenista, que tinha acabado por menosprezar a infinita misericórdia de Deus. [...] O homem do Ano 2000 tem necessidade do Coração de Cristo para conhecer Deus e para se conhecer a si mesmo; tem necessidade dele para construir a civilização do amor” (Catequese [in] *L’Osservatore Romano*, ed. semanal em português, 11/06/1994).

Bento XVI convidava a reconhecer o Coração de Cristo como uma presença íntima e cotidiana na vida de todos: “Cada pessoa precisa de um ‘centro’ da própria vida, de uma fonte de verdade e de bondade da qual haurir no suce-

O Papa Francisco, nos trechos a seguir da Dilexit nos, retoma a história da devoção ao Sagrado Coração de Jesus no magistério recente da Igreja.

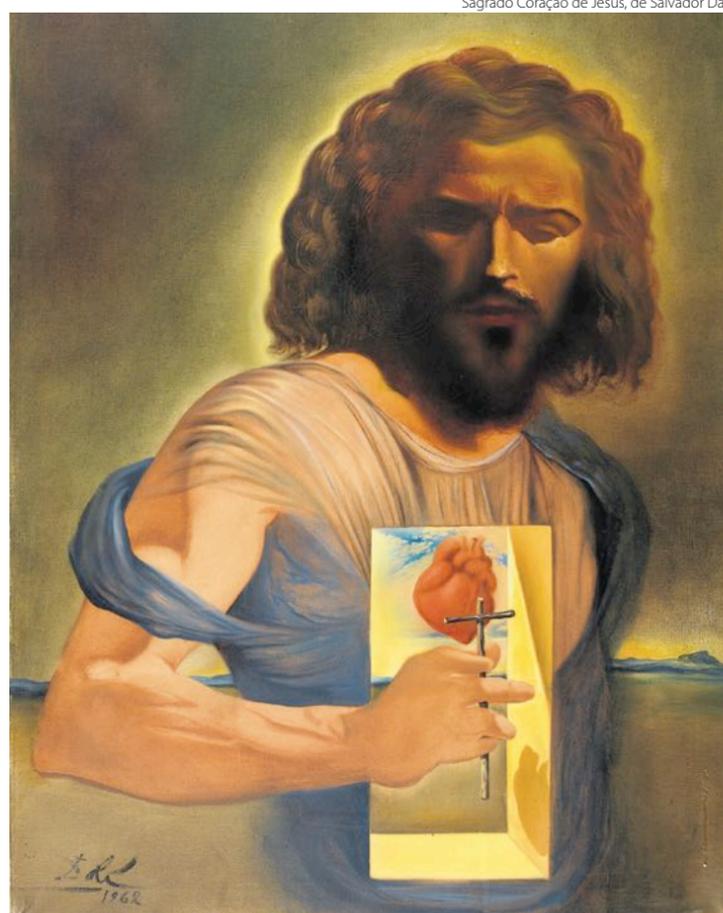
der-se das diversas situações e na fadiga do cotidiano. Cada um de nós, quando se detém no silêncio, precisa ouvir não só o palpitar do próprio coração, mas, mais em profundidade, o pulsar de uma presença de confiança, perceptível com os sentidos da fé e contu-

do muito mais real: a presença de Cristo, coração do mundo” (*Alocução do Angelus*, 01/06/2008) [...]

O Coração de Cristo nos liberta, ao mesmo tempo, de outro dualismo: o de comunidades e pastores concentrados apenas em atividades exteriores, em reformas estruturais desprovidas de Evangelho, em organizações obsessivas, em projetos mundanos, em reflexões secularizadas, em várias propostas apresentadas como requisitos que, por vezes, se pretendem impor a todos. O resultado é, muitas vezes, um Cristianismo que esqueceu a ternura da fé, a alegria do serviço, o fervor da missão pessoa a pessoa, a cativante beleza de Cristo, a gratidão emocionante pela amizade que Ele oferece e pelo sentido último que dá à vida. Em suma, outra forma de transcendentalismo enganador, igualmente desencarnado [...]

É preciso voltar à Palavra de Deus para reconhecer que a melhor resposta ao amor do seu Coração é o amor aos irmãos; não há maior gesto que possamos oferecer-lhe para retribuir amor por amor. A Palavra de Deus diz com toda a clareza: “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes” (Mt 25, 40). “Toda a Lei se cumpre plenamente nesta única palavra: Ama o teu próximo como a ti mesmo” (Gl 5, 14). “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama, permanece na morte” (1 Jo 3, 14). “Aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (1 Jo 4, 20).

O amor aos irmãos não se fabrica, não é fruto do nosso esforço natural, mas exige uma transformação do nosso coração egoísta. Nasce, então, espontaneamente a célebre súplica: “Jesus, fazei o nosso coração semelhante ao Vosso”. Por isso mesmo, o convite de São Paulo não era: “Esforçai-vos por fazer boas obras”. O seu convite era mais precisamente: “Tende entre vós os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus” (Fl 2, 5).



A reparação desejada por Cristo

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

Em resposta ao amor de Cristo, que se ofereceu por nós, nos dedicamos ao bem de nossos irmãos, tanto em sua dimensão social quanto espiritual.

A doutrina da reparação está intimamente ligada à devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Exposta na encíclica *Miserentissimus Redemptor* (MR 5-13), de Pio XI, propõe uma série de práticas que visam a reparar as ofensas feitas a Deus, enfatizando o amor e a misericórdia que emanam do Coração de Cristo.

Tomando por base a espiritualidade de Santa Teresa do Menino Jesus, o Papa Francisco explica que a base dessa reparação não se baseia em uma justiça retributiva, na qual o ser humano busca “pagar a Cristo” pelas ofensas feitas a Ele em função de nossos pecados. Trata-se, antes, de uma resposta de gratidão apaixonada por Seu amor misericordioso (cf. *Dilexit nos*, DN 195-198). Com essa posição, nos afastamos de interpretações moralistas e posturas farisaicas na reparação ao Sagrado Coração de Jesus.

Francisco irá apresentar, ainda, o sentido social dessa reparação, pois “unir o amor filial para com Deus ao amor do próximo [...] é a verdadeira reparação pedida pelo Coração do Salvador”, como escreveu São João Paulo II em uma Carta ao Preposto-Geral da Companhia de Jesus, em 1986. “No meio do desastre deixado pelo mal – prossegue Francisco – o Coração de Cristo quis precisar da nossa colaboração para reconstruir a bondade e a beleza” (DN 182).

“Precisamente porque a reparação evangélica tem este forte significado social – continua o Papa – os nossos atos de amor, de serviço e de reconciliação, para serem reparações eficazes, requerem que Cristo os impulse, os motive e os torne possíveis. São João Paulo II dizia que, para construir a civilização do amor, a hu-

manidade de hoje precisa do Coração de Cristo. A reparação cristã não pode ser entendida apenas como um conjunto de obras exteriores, que são indispensáveis e por vezes admiráveis. Exige uma espiritualidade, uma alma, um sentido que lhe dê força, impulso e criatividade incansável. Precisa da vida, do fogo e da luz que vêm do Coração de Cristo” (DN 184).

Francisco insiste que a proposta cristã, para ser atraente, deve ser “viva e manifestada em sua integralidade” e, por isso, “não se trata sequer de uma promoção social desprovida de significado religioso, que no fundo seria querer para o ser humano menos do que aquilo que Deus lhe quer dar” (DN 205). Assim, o sentido social da reparação se integra com a dimensão missionária da Igreja, pois “por intermédio dos cristãos, o amor

difundir-se-á no coração dos homens, para que se construa o Corpo de Cristo que é a Igreja e se edifique uma sociedade de justiça, de paz e de fraternidade” (DN 206).

Dirigindo-se a cada um de nós, o Papa nos convida a ter o mesmo desejo de Santa Teresa do Menino Jesus, que viveu o ardor missionário como “parte inseparável da sua oferta ao Amor misericordioso”. Ele nos diz: “Esta é também a tua missão. Cada um cumpre-a à sua maneira, e verás como podes ser missionário. Jesus merece-o. Se tiveres coragem, Ele te iluminará, acompanhará e fortalecerá, e viverás uma experiência preciosa que te fará muito bem. Não importa se conseguirá ver algum resultado; deixa isso para o Senhor que trabalha no segredo dos corações, mas não deixes de viver a alegria de tentar comunicar o amor de Cristo aos outros” (DN 216).

* Editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do O SÃO PAULO.

Relatório da Santa Sé avalia a atuação da Igreja na proteção de menores e prevenção de abusos

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Vatican Media/Divulgação

Publicado no dia 29 de outubro, o primeiro Relatório Anual da Pontifícia Comissão para a Tutela dos Menores avalia o progresso da Igreja Católica na proteção de menores e adultos vulneráveis contra abusos. O documento, que atende a um pedido do Papa Francisco, destaca o empenho da Igreja em responder de forma mais coordenada e eficiente a esses casos, apresentando avanços e desafios nas diversas regiões do mundo.

O trabalho de proteção na Igreja Católica tem sido uma prioridade desde que o Código de Direito Canônico, promulgado em 1983, introduziu uma revisão das regras relativas à conduta clerical, prevendo sanções para aqueles que cometem delitos contra o Sexto Mandamento do Decálogo.

Sob os pontificados de São João Paulo II, Bento XVI e, mais recentemente, do Papa Francisco, foram adotadas medidas normativas para aumentar a proteção dos mais vulneráveis. Em 2019, com o *motu proprio Vos estis lux mundi*, Francisco estabeleceu procedimentos obrigatórios para a denúncia de abusos e de omissões de membros da Igreja, visando à transparência e responsabilização.

ABORDAGEM GLOBAL E REGIONALIZADA

O relatório foca as diferentes regiões e realidades enfrentadas pela Igreja, com análises aprofundadas nos cinco continentes. A Cúria Romana assumiu um papel de suporte, proporcionando protocolos e linhas de orientação para as conferências episcopais ao redor do mundo.

O relatório aprofunda os desafios específicos enfrentados em quatro conferências episcopais: México, Papua-Nova Guiné e Ilhas Salomão, Bélgica e Camarões. Para cada uma, o documento identifica práticas positivas e pontos que ainda precisam de melhorias.

Entre as medidas adotadas por essas conferências, destacam-se: a implementação de sistemas de proteção com comissões específicas em cada diocese; atualização de políticas locais de proteção; introdução de programas de formação obrigatória para seminaristas; publicação de relatórios anuais de casos e criação de um código de conduta que inclui verificações de antecedentes.

FORMAÇÃO ESPECIALIZADA

Outro aspecto importante do relatório é a formação e o treinamento de agentes da Igreja em todos os níveis. A Comissão recomenda que as universidades pontifícias e outras institui-



ções acadêmicas ofereçam programas específicos para formar especialistas em proteção, incluindo membros do clero, religiosos e leigos que atuam na Igreja. Essa formação é essencial para criar uma rede global de profissionais bem preparados para enfrentar os desafios de proteção de menores e adultos vulneráveis.

Além disso, a Comissão sugere a adoção de um conjunto de diretrizes universais que visa a estabelecer padrões de proteção em toda a Igreja. A implementação dessas diretrizes pode ajudar a uniformizar os processos de proteção e garantir que todas as regiões sigam os mesmos protocolos básicos de segurança e resposta.

APOIO ÀS VÍTIMAS

O relatório também apresenta a importância de melhorar a resposta da Igreja às vítimas. A Comissão incentiva que as igrejas locais estabeleçam canais claros de comunicação com as vítimas e facilitem o acesso às informações sobre os casos de abuso.

Para dar maior apoio, o relatório recomenda que cada conferência episcopal desenvolva centros de denúncia e assistência, para garantir que todas as vítimas possam denunciar abusos de forma segura e acessível. Além disso, a Comissão enfatiza a importância de oferecer acompanhamento psicológico e espiritual, tanto às vítimas quanto às suas famílias.

DESAFIOS

A Comissão reconhece que, apesar dos avanços, muitos desafios ainda persistem, especialmente em regiões com

escassez de recursos. A disparidade na aplicação das políticas de proteção e a dificuldade de monitorar a eficácia dos programas são obstáculos que ainda precisam ser superados.

Para isso, o relatório sugere que as conferências episcopais intensifiquem suas colaborações e compartilhem experiências e recursos, promovendo uma cultura de proteção sólida e universal na Igreja. O objetivo é que as boas práticas implementadas em algumas regiões sirvam como exemplo para áreas em que a Igreja ainda encontra dificuldades para avançar.

A Comissão aponta a necessidade de desenvolver um documento do magistério da Igreja, como, por exemplo, uma encíclica, sobre a tutela dos menores e vulneráveis, para promover a conversão no interior da Igreja, protegendo a dignidade dos menores e dos direitos humanos em relação ao abuso, permitindo, assim, alcançar uma visão unitária e teológico-pastoral.

A publicação destaca que, embora existam avanços notáveis, a proteção deve ser continuamente reforçada para garantir que a Igreja seja um ambiente seguro para todos. Essa missão de tutela se apresenta não apenas como uma responsabilidade institucional, mas também como um compromisso moral e espiritual da Igreja com as vítimas e suas famílias, em busca de justiça e cura para aqueles afetados.

NA ARQUIDIOCESE

Desde setembro de 2023, a Arquidiocese de São Paulo possui as Diretrizes para a Proteção de Menores e dos Adultos Vulneráveis contra Abusos Se-

xuais, elaboradas com o objetivo de “estabelecer e manter uma comunidade eclesial consciente e respeitadora dos direitos e necessidades dos menores e dos adultos vulneráveis, atenta aos riscos de exploração, de abuso sexual e de maus tratos, no âmbito das atividades realizadas na Arquidiocese”, promovendo ambientes seguros em suas comunidades e instituições.

A Arquidiocese também conta com a Comissão Arquidiocesana de Tutela contra Abusos Sexuais a Menores e Adultos Vulneráveis, que tem a missão de acolher as denúncias de eventuais abusos e verificá-las, para, então, elaborar um parecer à autoridade eclesiástica a fim de que sejam dados os devidos encaminhamentos conforme a legislação canônica vigente. Para outras informações, acesse: arquisp.org.br/comissaotutelasp.

A íntegra do relatório (em italiano ou inglês) está disponível em: tutelaminorum.org/annual-report.

O SÃO PAULO

www.osaopaulo.org.br

Diariamente, no site do jornal **O SÃO PAULO**, você pode acessar notícias sobre a Igreja e a sociedade em São Paulo, no Brasil e no mundo. A seguir, algumas notícias e artigos publicados recentemente.

Francisco: contagiar amor é compromisso de todos, vai além da religião

<https://curt.link/WUDRI>

Dioceses de Chapecó e de Joinville são elevadas a arquidioceses

<https://curt.link/ZKkra>

Em novembro, Papa pede que se reze pelos pais que choram a perda de um filho

<https://curt.link/lydnH>

Vicariato para a Comunicação expressa pesar pelo falecimento do fundador do Grupo Jovem Pan

<https://curt.link/DONMB>

Morre, aos 95 anos, Frei Joel Postma

<https://curt.link/jMqjb>

Desde quando a Igreja Católica dedica atenção aos mais pobres?

<https://curt.link/MvMKX>

BELÉM

Dom Cícero faz visita pastoral à Paróquia Nossa Senhora do Sagrado Coração

FERNANDO ARTHUR
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Entre os dias 31 de outubro e 3 de novembro, Dom Cícero Alves de França realizou visita pastoral à Paróquia Nossa Senhora do Sagrado Coração, na Vila Formosa, Decanato São Lucas.

Acompanhado do Padre Reuberson Ferreira, MSC, Pároco, o Prelado teve contato com a realidade paroquial e conviveu com os fiéis, conhecendo mais de perto o trabalho pastoral realizado naquela comunidade de fiéis.

Na quinta-feira, 31 de outubro, as pastorais e movimentos da Paróquia se reuniram para a missa de abertura da visita, presidida pelo Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém e concelebrada pelo Pároco e pelo Padre Milton Tassoni, MSC, Vigário Paroquial.

Em seguida, Dom Cícero proferiu uma conferência aos fiéis, sobre espiritualidade e oração, destacando a relevância destes dois aspectos na vida cristã.

Na sexta-feira, dia 1º, as atividades se



Leticia Maeda



Renata Silva

iniciaram com um momento de oração com o Apostolado da Oração e a Legião de Maria. Em seguida, Dom Cícero dedicou a parte da manhã a visitar os enfermos e idosos em suas casas e encontrou-se com idosos na Casa de Repouso Hospitalar da Vila Formosa.

O Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém também esteve no Externato Nossa Senhora do Sagrado Coração,

conheceu as instalações da instituição e conversou com as crianças e jovens. Por fim, ele se reuniu com os membros do Conselho Paroquial de Pastoral (CPP) e do Conselho Administrativo e Econômico Paroquial (Caep).

O último dia da visita pastoral, no domingo, 3, começou com uma missa na Comunidade São José. Em seguida, o Prelado dirigiu-se à Casa Provincial

das Filhas de Nossa Senhora do Sagrado Coração, conversou com as Irmãs e partilhou, com elas, um momento de espiritualidade.

A tarde do domingo foi dedicada a um encontro com as crianças e jovens da Paróquia. Por fim, Dom Cícero presidiu a missa da Solenidade de Todos os Santos, na matriz paroquial, encerrando a visita pastoral.

Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos é celebrada nos cemitérios da Região



Pascom paroquial

No sábado, 2, os três cemitérios localizados na área de abrangência da Região Belém receberam centenas de fiéis ao longo de todo o dia para as mis-

sas da Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos.

Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região

Belém, presidiu missa em todos eles, iniciando pelo Cemitério da Vila Alpina, às 8h (foto). Na homilia, o Prelado destacou que “somente a fé pode nos consolar, porque sabemos que tudo não termina aqui”. Ele recordou que “não podemos sepultar em nossos corações aqueles que já se foram”.

A primeira missa, de três que ocorreram neste cemitério, foi concelebrada pelos Padres Cláudio de Oliveira, Pároco da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e São Luciano; e Leonardo Venício, Pároco da Paróquia Santo Antônio de Pádua, com a assistência dos Diáconos Wainer Fracaró e Marcel Martins.

Em seguida, o Prelado presidiu missa no Cemitério da Quarta Parada, às 10h, em frente à capela, recentemente restaurada. Concelebraram os Padres José Má-

rio Ribeiro, Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição e Assessor Eclesiástico para a Pastoral da Esperança, e Gildásio Tanajura, CSS, Pároco da Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho, com a assistência dos Diáconos Pedro Ernesto dos Santos e Nelson Carlos Moreira de Almeida.

Por fim, Dom Cícero presidiu missa no Cemitério da Vila Formosa, encerrando a programação de cinco missas neste cemitério. O Prelado recordou que o Dia de Finados é ocasião para reafirmar a fé no Cristo Ressuscitado. Concelebraram os Padres José Carlos dos Anjos, Pároco da Paróquia Santa Cruz, e Arlindo Teles Alves, Pároco da Paróquia São José do Maranhão, com a assistência dos Diáconos João Bottura e Evangelista João de Souza. (FA)



Nilton Max Allit

Em 29 de outubro, foram festejados os 64 anos da **Paróquia Sagrada Família**, na Vila Carrão, Decanato São Lucas. Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, presidiu a missa, concelebrada pelo Padre Adilson Pinheiro da Silva, Pároco. (Por Pascom paroquial)



Pascom paroquial

No sábado, dia 1º, Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro**, na Vila Diva, Decanato Santa Maria Madalena, por ocasião do 40º aniversário de ordenação sacerdotal do Cônego Walter Caldeira, Pároco (à direita do Bispo). (Por Pascom paroquial)

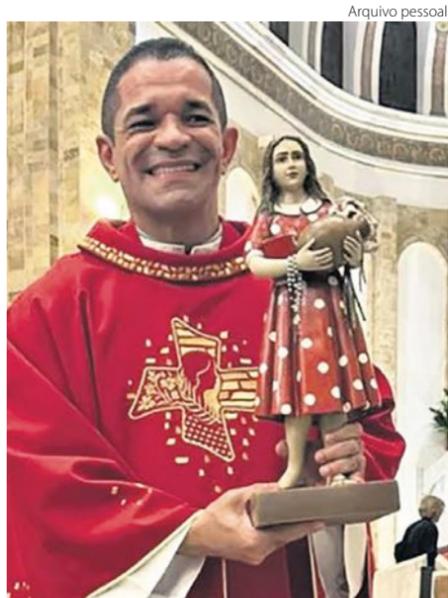
IPIRANGA



No domingo, 3, Dom Ângelo Ademir Mezzari, RCJ, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga, conferiu o sacramento da Confirmação a 13 jovens e adultos, em celebração por ele presidida na **Paróquia Santo Agnelo**, Decanato Santo André, e concelebrada pelo Padre Renato Braga, Pároco. *(por Pascom regional)*



O Cardeal Odilo Pedro Scherer presidiu missa na **Paróquia Santo Emídio**, Decanato São Marcos, no domingo, 3, concelebrada pelo Padre Rodrigo Thomaz, Pároco. Na ocasião, o Arcebispo Metropolitano conferiu o sacramento da Crisma a 21 jovens e adultos, sendo cinco deles da Paróquia São José, na Vila Zelina. *(por Pascom regional)*



Em 24 de outubro, a memória litúrgica da Beata Benigna Cardoso da Silva foi celebrada em uma missa na **Paróquia Nossa Senhora Aparecida**, em Moema, Decanato São Mateus, presidida pelo Padre Samuel Alves, Pároco. Uma imagem da Beata, confeccionada em Saboeiro (CE), esteve no presbitério durante a celebração. *(Pascom paroquial)*



No domingo, 3, Dom Ângelo Ademir Mezzari, RCJ, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga, iniciou visita pastoral à **Paróquia São José**, no Ipiranga, Decanato São Marcos, presidindo missa, concelebrada pelo Padre Gilmar Souza da Silva, NDS. Na mesma celebração, 53 jovens e adultos receberam o sacramento da Confirmação pelas mãos do Prelado. *(por Pascom regional)*

LAPA



No sábado, 2, Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa, presidiu missa na Comunidade Ambiental Santa Luzia, localizada na **Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp)**, com a assistência do Diácono Luiz Carlos de Laet, responsável pela capelania que há no local. *(por Benigno Naveira)*



A **Pastoral da Comunicação da Região Lapa** esteve reunida, no domingo, 3, na Paróquia São João Bosco, no Alto da Lapa, Decanato São Simão, com Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa. Também participaram Marcos Jordan, coordenador-geral regional da Pascom, e demais coordenadores e agentes desta Pastoral nas paróquias da Região. Na ocasião, foi apresentado o cronograma da Pascom para o ano de 2025. *(por Benigno Naveira)*



Na tarde do sábado, 2, Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, Dom Edilson de Souza Silva presidiu missa na capela do **Cemitério da Lapa**. No início da celebração, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa recordou que aquele era um momento de rezar por todos os falecidos, especialmente os que estão sepultados naquele cemitério. Destacou, ainda, que pela fé em Cristo, aquela celebração chamava a atenção para este mistério da vida cristã: "Jesus Cristo, Ele é a nossa vida, a nossa ressurreição". *(por Benigno Naveira)*

BRASILÂNDIA

MESCs são enviados em missão às paróquias do Decanato Santa Isabel e São Zacarias

PASCOM DO DECANATO

Após um período de preparação espiritual, cerca de 300 ministros extraordinários da Sagrada Comunhão (MESCs) do Decanato Santa Isabel e São Zacarias foram enviados em missão às suas paróquias, durante missa realizada no domingo, 3, na Missão Mensagem de Paz.

A Eucaristia, presidida por Dom Carlos Silva, OFMCap., e concelebrada por padres que atuam nessas paróquias, também marcou a festividade dos padroeiros deste Decanato.

Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia destacou que os MESCs são testemunhas vivas da fé e de serviço à comunidade.



Pasco do Decanato Santa Isabel e São Zacarias

Lembrou, também, que “as bem-aventuranças, mais que um mandamento, são uma promessa de felicidade para quem vive na simplicidade, na bondade e na fé. A santidade é um caminho a ser per-

corrido no serviço; quem não vive para servir, não serve para viver”.

Dom Carlos também exortou os ministros extraordinários a serem “sinais e presença do Cristo Eucarístico no meio

da comunidade, vivendo como discípulos autênticos, com simplicidade, fidelidade, generosidade e alegria, que as bem-aventuranças nos ensinam, tornando-se sinal de Deus na vida dos outros”.

Larissa Aparecida



Na tarde do sábado, 2, Dia de Finados, Dom Carlos Silva, OFMCap., presidiu missa no **Cemitério Vila Nova Cachoeirinha**, na área de abrangência do Decanato São Filipe. Concelebraram os Padres Gilson Feliciano, SV, Pároco da Paróquia São José Operário; e Rafael Nolli, Administrador Paroquial da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, na Vila Souza. *(por Pascom do Decanato)*

Na sexta-feira, dia 1º, a **Paróquia Nossa Senhora da Expectação**, Decanato São Pedro, realizou o evento Cristoteca, após a missa, celebrada na liturgia da Solenidade de Todos os Santos. Jovens, crianças e adultos trajavam camisetas estampadas ou semelhantes aos santos de sua devoção. A animação musical foi da Banda Menino Jesus e do DJ Electrocristo. *(por Pascom paroquial)*

No sábado, 2, na Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, Dom Carlos Silva, OFMCap., presidiu missa na **Paróquia São Judas Tadeu**, Decanato Santa Isabel e São Zacarias. *(por Paulo Henrique Sales)*

Pascom paroquial



No sábado, 2, Dia de Finados, cinco missas foram celebradas no **Cemitério do Tremembé**, na Vila Albertina, uma delas organizada pela Paróquia Menino Jesus. Na homilia, o Padre Roberto Fernando Lacerda, Pároco, enfatizou: “Se a tristeza da morte nos entristece, a imortalidade nos consola, porque Deus nos criou para Ele”. *(por Pascom paroquial)*

Taise Cortês



Na noite de domingo, 3, na **Paróquia São Luís Gonzaga**, Decanato Santa Isabel e São Zacarias, 14 adultos receberam o sacramento da Crisma durante missa presidida por Dom Carlos Silva, OFMCap., e concelebrada pelo Cônego José Renato Ferreira, Pároco. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia reforçou a cada crismando: “A Crisma é o Espírito Santo que confirma a direção da sua vida, a sua fé nas bem-aventuranças, uma fé madura”. *(por Taise Cortês)*

Everaldo Matheus



Na Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, no sábado, 2, Dom Carlos Silva, OFMCap., presidiu missa no **Cemitério Dom Bosco, em Perus**, tendo como concelebrantes os Padres Luciano Andreol, Decano do Decanato São Barnabé e Pároco da Paróquia Santa Rosa de Lima; José Aécio Cordeiro da Silva, Pároco da Paróquia São José; Sony Fleurima, Vigário Paroquial da Paróquia Santa Rosa de Lima; Ezael Juliatto, Vigário Paroquial da Paróquia Nossa Senhora Mãe e Rainha; Genésio de Moraes, Vigário Paroquial da Paróquia Cristo Rei; Aidan Fallon, Pároco da Paróquia São Judas Tadeu; e Nilo Colgan, CSSp, Vigário Paroquial da Paróquia Santíssima Trindade, assistidos pelo Diácono Antônio Campineiro. *(por Pascom do Decanato)*

SANTANA

Pascom da Paróquia São José Operário



Na Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, no sábado, 2, três missas foram celebradas no **Cemitério Chora Menino**, na área de abrangência do Decanato São Judas Tadeu. Às 10h, a celebração foi presidida pelo Padre José Roberto Abreu de Mattos, Pároco e Reitor da Basílica Menor de Sant’Ana; às 12h, a missa foi organizada pela Paróquia Nossa Senhora da Consolata; e às 15h, a celebração foi presidida pelo Padre Osvaldo Bisewski (foto), Pároco da Paróquia São José Operário e Decano. *(por Redação)*

SÉ

Nos cemitérios, paróquias oferecem suporte e consolo espiritual no dia 2

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

Além das celebrações eucarísticas e das iniciativas de acolhida nas paróquias, no sábado, 2, dia em que se celebra a Comemoração de todos os Fiéis Defuntos, houve 37 missas nos seis cemitérios presentes no território da Região Sé: da Consolação, do Araçá, São Paulo, da Vila Mariana, da Irmandade do Santíssimo Sacramento e da Ordem Terceira Nossa Senhora do Carmo.

A iniciativa mobilizou Dom Rogério Augusto das Neves, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé, e 40 sacerdotes para presidi-las e concelebrá-las.

Os fiéis de várias paróquias e suas pastorais foram responsáveis pela liturgia das missas, acolhida, cantos e orações. Ministros extraordinários da Sagrada Comunhão auxiliaram nas celebrações. Alguns



Fotos: Pascom paroquial

cemitérios contaram com tendas de oração, destinadas a acolher fiéis, prestar-lhes consolo, oferecer-lhes orações (também a seus falecidos) e dar-lhes suporte espiritual. Membros da Pastoral da Comunicação das paróquias se revezaram para fazer o registro dessa missão.

A missão também se estendeu às paróquias da Região, em particular à Paróquia Sagrado Coração de Jesus

em Sufrágio das Almas, Decanato São Paulo, conhecida popularmente como "Santuário das Almas". Ao longo do dia, foram celebradas dez missas, algumas das quais presididas por Dom Rogério Augusto das Neves – que também o fez nos Cemitérios do Araçá (foto à direita), da Consolação e da Ordem Terceira do Carmo –, Dom Manoel Ferreira dos Santos Júnior, MSC, Bispo de Registro

(SP), e padres dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus (MSC).

Na capela do Cemitério da Ordem Terceira Nossa Senhora do Carmo, uma das missas foi presidida por Dom Carlos Lema Garcia (foto à esquerda), Bispo Auxiliar da Arquidiocese e Vigário Episcopal para a Educação e a Universidade.

(Com informações do Secretariado de Comunicação Regional)



Pascom paroquial

No dia 22 de outubro, na **Paróquia Assunção de Nossa Senhora**, Decanato São Tomé, aconteceu a missa de abertura do jubileu de 75 anos da Campanha da Mãe Peregrina Três Vezes Admirável de Schoenstatt na Região Sé, presidida por Dom Rogério Augusto das Neves, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé, e concelebrada pelo Padre Juarez de Castro, Pároco.

(por Campanha da Mãe Peregrina)



Andrea Campos

No dia 26 de outubro, na **Paróquia Nossa Senhora da Assunção e São Paulo - Paróquia Pessoal Nipo-Brasileira São Gonçalo**, Decanato São João Evangelista, crianças acompanhadas pelas Pastorais do Menor e da Criança participaram de uma festa, com dinâmicas e brincadeiras, e de um momento de espiritualidade, conduzido pelo Padre José Enes de Jesus, Pároco.

(por Andrea Campos)



Serviço de Escuta

Nos dias 19 e 26 de outubro, na Paróquia Sagrado Coração de Jesus em Sufrágio das Almas, Decanato São Paulo, aconteceu o **Curso de Formação de Voluntários do Serviço de Escuta**, assessorado pelo Frei Hipólito Martendal, OFM, cofundador e um dos formadores do Serviço de Escuta.

(por Serviço de Escuta da Região Sé)

Toma posse a nova diretoria da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

No dia 16 de outubro, tomou posse a nova diretoria da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo.

O ato ocorreu na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no centro da capital paulista.

Foram empossados para um mandato de três anos: Vanilda Aparecida Costa Gremias, diretora; Oscar da Silva Júnior, vice-diretor; Denise Araci Vitoriano, tesoureira; Sergio Braz Juliano Filho, secretário; e os irmãos-membros: Ivonete Esteves, Marlene Miranda Albino, Maria da Conceição e Maria Pedro Sobreira. Assumem

o Conselho de Gestão Fiscal: Roseli Rodrigues Gomes dos Santos, Vilma Aparecida Rosa e Jandira Bernardes Querino.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos é uma confraria de culto católico, ligada à Arquidiocese de São Paulo, criada em 1711, para a manifestação religiosa, em especial a devoção à Virgem Maria, do povo africano e seus descendentes, no contexto de segregação do período da escravidão.

Atualmente, a Irmandade é responsável pelos cuidados da histórica Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no largo do Paissandu. Lá, são realizadas procissões, novenas e récitas do Terço, mantendo viva a tradição religiosa dos católicos afrodescendentes.



Arquivo pessoal

Liturgia e Vida

Oferecer a Deus tudo o que somos e temos

DOM EDILSON DE SOUZA SILVA*

No Evangelho deste 32º Domingo do Tempo Comum, Jesus expõe as contradições dos doutores da Lei, que exploram os mais vulneráveis (as viúvas, neste caso) e a atitude de uma pobre viúva que dá ao Senhor, no Templo, tudo o que tinha para viver, confiando inteiramente na Sua providência.

Há uma certa semelhança na atitude da viúva de Sarepta e a do Evangelho. Cada uma, a seu modo, expressa sua confiança em Deus. A primeira, usando tudo o que restava de sua farinha para fazer os pães pedidos pelo profeta, mesmo com o risco de morrer de fome junto com seu filho; a outra, dando de esmola no Templo tudo o que lhe restava. Ambas nos fazem recordar a bem-aventurança que afirma: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,1). Em espírito, porque, diz o Papa Francisco, “há uma pobreza que devemos aceitar, aquela de nosso ser, e uma pobreza que, ao contrário, devemos buscar, aquela concreta, das coisas deste mundo, para sermos livres e poder amar. Sempre devemos procurar a liberdade do coração, aquela que tem as raízes na pobreza de nós mesmos”.

A fé da pobre viúva se expressa em uma entrega total em plena confiança, com o coração livre de apegos que podem nos escravizar ou nos fazer soberbos ou autossuficientes. Sua generosidade decorre de sua confiança no amor do Pai que cuida de seus filhos. Bem diferente da atitude dos doutores da Lei que, ávidos por fama, honra e lucros, não se importam com a sorte dos que padecem sofrimento e carência.

Ambas as viúvas, em sua situação de penúria e necessidade, são alvos do amor providente de Deus, tal como o Salmo 145 hoje nos recorda: “É o Senhor quem protege o estrangeiro, quem ampara a viúva e o órfão”. Os olhos de Jesus, voltados para a viúva do Templo, são os olhos de Deus voltados para os pequeninos deste mundo, mas que se voltam também para os que se julgam grandes ou importantes – abastados e felizes segundo os critérios do ter, do poder e da fama – aguardando sua conversão. Zaqueu, no que diz respeito aos bens deste mundo, foi um exemplo disso.

Cristo é para nós o exemplo e paradigma de como devemos ter em conta o amor salvífico e providente do Pai, Ele, que pediu aos discípulos para que não se arvorassem na busca dos primeiros lugares, nem imitassem os poderosos deste mundo que dominam e oprimem, mas se fizessem servidores do próximo, lavando os pés uns dos outros. Ele, como atesta hoje a Carta aos Hebreus, viveu uma vida de completa entrega e doação a Deus e aos irmãos, culminando na entrega de si mesmo ao Pai na cruz, por amor de nós – sacrifício de amor que redundou em salvação para todos os que creem.

Diante disso, deixemo-nos questionar pela Palavra e nos perguntemos: tenho um coração livre do apego aos bens, confiante na providência divina, sendo capaz de partilhar e servir com generosidade? De que modo tenho assumido a minha parcela de responsabilidade para com o anúncio do Evangelho e para com o sustento da missão?

É bom não nos esquecermos destas palavras de Jesus: “Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo” (Mt 6,33), e ainda: “Ajuntai para vós tesouros no céu” (Mt 6,20).

Dom Edilson de Souza Silva é Bispo Auxiliar de São Paulo. Este artigo está originalmente publicado na edição de 10 de novembro de 2024 do folheto Povo de Deus em São Paulo

Costa Rica

Projeto de lei tenta pôr fim ao segredo da Confissão em casos de abuso

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

A Conferência Episcopal da Costa Rica (Cecor) se manifestou contra uma iniciativa legislativa que propõe obrigar os padres a “revelar as informações confiadas por um penitente” em casos de crimes sexuais contra menores de idade e pessoas com deficiência.

A proposta fala sobre ampliar o código de processo penal costa-riquenho para que qualquer pessoa com cargo clerical que tenha “facilitado a preparação, tentativa, consumação ou ocultação do ato ilícito” responda financeiramente à vítima.

Há também a intenção de modificar outro artigo, que vai reconhecer que os ministros religiosos, médicos, advogados, notários, funcionários pú-

blicos, entre outros, podem “abster-se de testemunhar sobre fatos secretos que tenham chegado ao seu conhecimento”. No entanto, o projeto diz que essas pessoas não podem “negar o seu depoimento quando forem dispensadas pelo interessado do dever de guardar sigilo”.

Isso permitiria, com o consentimento da vítima, convocar a pessoa a quem foi confiado o segredo, que poderia ser um padre.

O projeto também exigiria que qualquer pessoa que tivesse “sinais identificados de crimes sexuais” em detrimento de menores ou pessoas com deficiência apresentasse uma queixa às autoridades “imediatamente”.

Diante dessa proposta, a Cecor emitiu um comunicado no qual diz que o projeto constitui “um ataque di-

reto à doutrina e à liturgia da Igreja Católica sobre o tema do sacramento da Penitência ou da Confissão, desrespeitando a sacralidade daquele momento em que o penitente está diante de Deus e da sua consciência”.

A conferência episcopal diz que essa lei obrigaria os sacerdotes a “revelar a informação confiada por um penitente, seja vítima, autor ou testemunha de um ato dessa natureza”, afetando inclusive os casos em que “a sua única fonte de informação está dentro do sacramento da Confissão”.

“Esse projeto de lei, ao tentar levantar o selo sacramental, não só ameaça um direito fundamental da prática religiosa, mas também compromete a própria essência da liberdade de culto”, diz o comunicado da Cecor.

Fonte: ACI Digital

Paquistão

Sacerdote salesiano luta pelo emprego juvenil

O Padre Noble Lal, 47, primeiro presbítero salesiano do Paquistão, é reitor do Instituto Técnico Dom Bosco, uma escola profissional em Lahore, que treinou mais de 8 mil jovens em metalurgia, elétrica, carpintaria e automobilismo desde a sua inauguração em 2000, uma conquista notável em uma nação ainda afetada negativamente pelo analfabetismo.

“Desde que o local foi inaugurado, há quase 25 anos, formamos milhares de jovens, com idades entre 15 e 22 anos, em diversas competências técnicas. Isso ajudou muitos deles a encontrar emprego”, explicou o Sacerdote.

Em um país em que os cristãos

representam apenas 1% da população e muitas vezes enfrentam violência e discriminação, a congregação e os seus centros educativos são vistos com bons olhos.

“Nossos centros são altamente respeitados. Muitas pessoas estão gratas, incluindo membros do governo, pelos resultados da nossa ação social”, assegurou o Sacerdote, sublinhando que as instituições salesianas estão abertas a jovens de todas as confissões, incluindo muçulmanos, cristãos e outras minorias.

Embora garantida oficialmente a liberdade religiosa, a questão da blasfêmia no Paquistão continua a ser in-

condiária e a educação religiosa é rigidamente controlada.

O cenário, no entanto, está mudando: o Ministério Federal da Educação e Formação Profissional aprovou uma reforma que permite aos estudantes de religiões oficialmente reconhecidas frequentarem cursos sobre a sua própria fé em vez do Islã. “Isso tornou possível incluir ensinamentos sobre o Cristianismo”, disse o Padre. Além disso, uma nova escola profissional de enfermagem acaba de ser construída no campus de Lahore e aguarda a aprovação final do governo para abrir as portas no próximo ano letivo. (JFF)

Fonte: La Croix International

Colômbia

Impasse entre países marca a COP da Biodiversidade

A 16ª Conferência da Convenção das Nações Unidas sobre Diversidade Biológica (COP16) encerrou-se na sexta-feira, dia 1º, em Cali, na Colômbia, e reuniu 193 países.

Dois anos após o acordo Kunming-Montreal sobre o tema, a COP 16 teve a missão de intensificar os tímidos esforços mundiais para aplicar o roteiro destinado a salvar o planeta e os seres vivos do desmatamento, da exploração descontrolada, das mudanças climáticas e da poluição, todas causadas pela humanidade.

O acordo prevê 23 objetivos a serem alcançados até 2030, como colocar 30% dos territórios e mares em áreas protegidas, reduzir pela metade os riscos dos agrotóxicos e da introdução de espécies invasoras, reduzir em 500

bilhões de dólares por ano os subsídios prejudiciais à agricultura intensiva ou aos combustíveis fósseis, entre outros.

Também faz parte do acordo o aumento dos gastos globais anuais com a natureza, para 200 bilhões de dólares. Deste montante, os países desenvolvidos comprometeram-se a aumentar a sua ajuda anual para 30 bilhões de dólares em 2030 (em comparação com cerca de 15 bilhões de dólares em 2022, segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)).

A forma de mobilizar e distribuir esse dinheiro, contudo, foi o principal ponto de tensão da cúpula: os países em desenvolvimento exigem a criação de um novo fundo, colocado sob a autoridade da COP, mais favorável aos seus interesses do que os atuais

fundos multilaterais, que são considerados de difícil acesso. Por outro lado, os países ricos, em particular a União Europeia (na ausência dos Estados Unidos, que não são signatários da convenção), consideram contraproducente a multiplicação de fundos que fragmentam a ajuda, sem fornecer dinheiro novo – que deve ser encontrado, segundo eles, no setor privado e em grandes países emergentes.

Seis anos antes da meta de 2030, apenas 44 dos 196 países estabeleceram um plano nacional para sinalizar como pretendem implementar o acordo, e 119 apresentaram compromissos sobre a totalidade ou parte dos objetivos, de acordo com a contagem oficial na semana passada. (JFF)

Fonte: RFI Brasil

‘Santidade Brasileira’: série destaca santos, beatos e candidatos à honra dos altares que viveram no País

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

A Aliança de Misericórdia lançou na sexta-feira, dia 1º, na Festa de Todos os Santos, a série “Santidade Brasileira”, que busca fortalecer a devoção aos santos, beatos e candidatos à honra dos altares que viveram no País, bem como torná-los mais conhecidos. Atualmente, 37 santos e 54 beatos do Brasil são oficialmente reconhecidos pela Igreja (leia mais nas páginas 18 e 19).

Robson Paes Landim, gerente de comunicação e amigo-missionário da Aliança de Misericórdia, é o criador e diretor-geral da série. Ao **O SÃO PAULO**, ele explicou que a inspiração para o projeto surgiu do propósito de “acendermos nos corações o desejo pela santidade que é possível, palpável e muito próxima. Mas, além disso, conversando com algumas pessoas que também gostam da temática e acompanhando as redes sociais, percebi que muitas causas de beatificação e canonização acabam ficando paradas e o povo de Deus pouco tem conhecimento da existência desses candidatos aos altares. Como uma das coisas mais importantes nesse processo é a ‘fama de santidade’ e a devoção popular, queremos colaborar para que além dos já canonizados, também os beatos, veneráveis e servos de Deus que nasceram ou viveram aqui sejam conhecidos, amados, que tenham devotos e, assim, progridam em seus processos”.

FORMATO E PERIODICIDADE

Cada episódio será publicado quinzenalmente no YouTube da Aliança de Misericórdia (@aliancamisericordia). O de estreia, com o tema “O Brasil precisa de santos”, conta com a participação de Dom Roberto Lopes, Delegado Episco-



SÉRIE SANTIDADE BRASILEIRA

Uma realização Aliança de Misericórdia

- ✓ **Produção:** Maria de Oliveira
- ✓ **Captação:** Wellington Tomas
- ✓ **Trilha Sonora:** Matheus Rosa
- ✓ **Roteiro:** Flávio Campos
- ✓ **Edição e Finalização:** Nandah Marcondes
- ✓ **Produção Executiva:** Larissa Soares
- ✓ **Direção de Arte e Concepção Visual:** Lucimare Nascimento
- ✓ **Direção Geral e Criação:** Robson Landim
- ✓ **Supervisão Geral:** Diácono Júlio Neto

pal para a Causa dos Santos da Arquidiocese do Rio de Janeiro, e do Padre João Fernando, da Aliança de Misericórdia, que falam sobre santidade e o processo de canonização, além de destacar figuras que inspiram os fiéis.

A série é composta de dez episódios, gravados nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, com cerca de 20 minutos cada. Ainda este ano serão disponibilizados mais quatro episódios sobre Santo Antonio de Sant’Anna Galvão, o Venerável Guido Schäffer, a Venerável Madre Carminha e um sobre a história e os milagres do Beato Padre Donizetti Tavares.

O diretor-geral da série comentou que cada episódio tem suas peculiaridades, mas em todos há a apresentação da biografia dos santos ou candidatos, imagens de arquivo, a escuta dos responsáveis pelas causas ou de pessoas que dominem o assunto. Em alguns casos, também se apresenta a congregação à

qual a personagem retratada pertencia e como aquele carisma colaborou com seu caminho de santificação.

Ainda de acordo com Robson Landim, alguns episódios trarão testemunhos de quem foi alcançado pela intercessão desses santos e beatos. “Um bom exemplo é o episódio sobre Santo Antonio de Sant’Anna Galvão. Fomos ao Memorial em Guaratinguetá (SP) para entrevistarmos a senhora Thereza Maia, descendente do santo, que conta com muita empolgação a história dele e os testemunhos que chegam. Mas queríamos mostrar outros lugares de devoção. Fomos, então, ao Santuário a ele dedicado, também em Guaratinguetá, e entrevistei uma colaboradora e um frade que lá atuam. Ao final, perguntei se tinham recebido algum milagre pela intercessão do Santo. A colaboradora, em lágrimas, relatou um milagre duplo, do qual não vou dar ‘spoiler’, e o Frei também contou

que seu Santo confrade intercedeu por uma cura em seus olhos, possibilitando a continuidade de seu trabalho pastoral. É emocionante!”

‘O PAÍS DA SANTIDADE’

Robson avalia que o conhecimento da vida dos santos, beatos ou candidatos aos altares faz com que cada fiel veja que a santidade é possível, palpável e próxima, já que as pessoas retratadas também viveram no Brasil, às vezes até na mesma cidade de quem assiste à série.

“Se o Brasil já foi conhecido como país do futebol, do carnaval ou ainda de várias coisas ruins, também podemos e devemos ser conhecidos como o ‘País dos Santos’, o ‘País da Santidade’, em que homens e mulheres amam a Deus sobre todas as coisas, O servem com seus dons e transbordam esse amor no cuidado com os pobres material e espiritualmente”, concluiu.

Arautos do Evangelho se despedem de seu fundador, falecido aos 85 anos

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

Foi sepultado no domingo, 3, o corpo do **Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias** (foto), fundador dos Arautos do Evangelho, falecido na sexta-feira, dia 1º, em Franco da Rocha, na Grande São Paulo, aos 85 anos.

O funeral ocorreu durante três dias na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, sede dos Arautos do Evangelho, localizada em Caieiras, na região metropolitana de São Paulo.

No sábado, 2, o Cardeal Raymundo Damasceno Assis, Arcebispo Emérito de Aparecida (SP) e, desde 2019, Comissário Pontifício dos Arautos do Evangelho, presidiu uma das missas de corpo presente do

Monsenhor. Concelebraram a Eucaristia o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo; Dom Sérgio Aparecido Colombo, Bispo de Bragança Paulista (SP); e Dom Benedito Beni dos Santos, Bispo Emérito de Lorena (SP).

Em nota publicada na sexta-feira, Dom Odilo manifestou, em nome da Arquidiocese de São Paulo, seu pesar pela morte do Monsenhor. “Expresso também minha solidariedade e conforto aos membros dos Arautos do Evangelho”, escreveu.

O Cardeal Scherer recordou que o Monsenhor João Clá, nascido em São Paulo, em 1939, “destacou-se por sua liderança e seu empenho em congregar os jovens para viverem mais intensamente a vida cristã, a devoção à Bem-Aventurada Virgem Maria e a comunhão com a

Igreja, mesmo em meio a dificuldades e incompreensões”.

O Arcebispo comentou, ainda, que “os frutos desse seu apostolado são a Associação Privada Internacional de Fiéis Arautos do Evangelho, a Sociedade Clerical de Vida Apostólica Virgo Flos Carmeli e a Sociedade Feminina de Vida Apostólica Regina Virginum, que congregam numerosos sacerdotes, mulheres consagradas a Deus, leigos e famílias cristãs em mais de 70 países”.

Por fim, Dom Odilo assegurou que a Arquidiocese de São Paulo “oferece suas orações e súplicas pelo falecido Monsenhor João Clá e roga a Deus que o acolha e recompense na eternidade por seu testemunho de fé e seu serviço à missão da Igreja”.



Arautos do Evangelho

Conheça os homens e mulheres que na Terra de Santa Cruz viveram a santidade

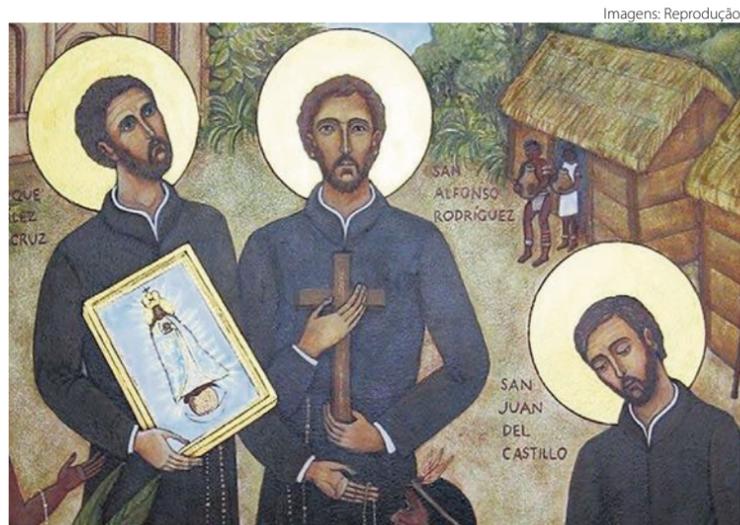
DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Neste mês de novembro, iniciado com a Festa de Todos os Santos, no

dia 1º, o jornal O SÃO PAULO apresenta a biografia dos 37 santos e 54 beatos que em solo brasileiro viveram a radicalidade da fé, alguns dos quais martirizados.

“Ao canonizar certos fiéis, isto é, ao proclamar solenemente que esses fiéis praticaram heroicamente as virtudes e viveram na fidelidade à graça de Deus, a Igreja reconhece o poder do Espírito

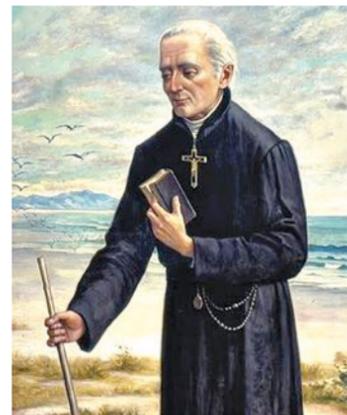
de santidade que está nela, e ampara a esperança dos fiéis, propondo-lhes os santos como modelos e intercessores”, lê-se no *Catecismo da Igreja Católica* (CIC 828).



Santos Roque Gonzáles, Afonso Rodrigues e João de Castilho (+1628)

Os jesuítas Roque Gonzáles, Afonso Rodrigues e João de Castilho são considerados os primeiros evangelizadores do Rio Grande do Sul. Roque era paraguaio e desde a juventude se destacava pela firmeza nos assuntos da fé católica. Ordenado sacerdote, aos 22 anos, em Assunção, sempre demonstrou-se preocupado com os indígenas

tratados como escravos naquela época. Ingressou na Companhia de Jesus em 1609 e foi enviado em missão a territórios indígenas, com os Padres Afonso Rodrigues e João de Castilho, vindos da Espanha. Em 3 de maio de 1626, eles celebraram a primeira missa no atual território da cidade de São Nicolau (RS). Ao longo de dois anos e meio, fundaram cinco comunidades, mas encontraram resistências de indígenas mais rebeldes. Em 15 de novembro de 1628, após uma missa, os Padres Roque e Afonso foram assassinados; dois dias depois, a vítima seria o Padre João de Castilho. Os três foram beatificados em 28 de janeiro de 1934, por Pio XI, e canonizados por São João Paulo II em 16 de maio de 1988.



São José de Anchieta (1534-1597)

O “Apóstolo do Brasil” nasceu em São Cristóvão da Laguna, na Espanha. Na juventude, foi estudar na Universidade de Coimbra, em Portugal. Anchieta ingressou na Companhia de Jesus em 1553 e foi enviado em missão ao Brasil. Ele e mais

seis jesuítas aportaram primeiro na Bahia e, no ano seguinte, na Capitania de São Vicente. Junto com o então Provincial do Brasil, o Padre Manoel da Nóbrega, fundou em 25 de janeiro de 1554, o colégio que deu origem à cidade de São Paulo. Anchieta ensinou a doutrina cristã aos indígenas, bem como noções de higiene, medicina, música e literatura. Após a morte de Manoel da Nóbrega, em 1567, ele se tornou Provincial do Brasil e realizou missões pelo território brasileiro. Anchieta morreu em 9 de junho de 1597, aos 63 anos, em Reritiba, atual cidade de Anchieta (ES). Ele foi beatificado por São João Paulo II em 22 de junho de 1980, e proclamado santo pelo Papa Francisco em 3 de abril de 2014.



Santo Antonio de Sant'Anna Galvão (1739-1822)

Após ser ordenado sacerdote em 1762, o frade franciscano, nascido em Guaratinguetá (SP), foi designado para o Convento de São Francisco, em São Paulo. A partir de

1770, tornou-se confessor do Recolhimento Santa Teresa. Em 1774, por influência da Irmã Helena Maria do Espírito Santo, fundou o Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição da Divina Providência. Frei Galvão era propagador da imaculada concepção de Maria e difundiu essa convicção especialmente nas famosas pílulas confeccionadas no Recolhimento e distribuídas pelas monjas concepcionistas. Ele empenhou-se para ampliar as instalações do local, o atual Mosteiro de Nossa Senhora da Luz, onde viveria seus últimos dias. Faleceu em 23 de dezembro de 1822 e está sepultado na capela do Mosteiro. Frei Galvão foi beatificado em 25 de outubro de 1998 e canonizado pelo Papa Bento XVI em 11 de maio de 2007, no Campo de Marte, em São Paulo. É invocado como o padroeiro dos construtores civis, arquitetos, engenheiros, pedreiros e pintores.

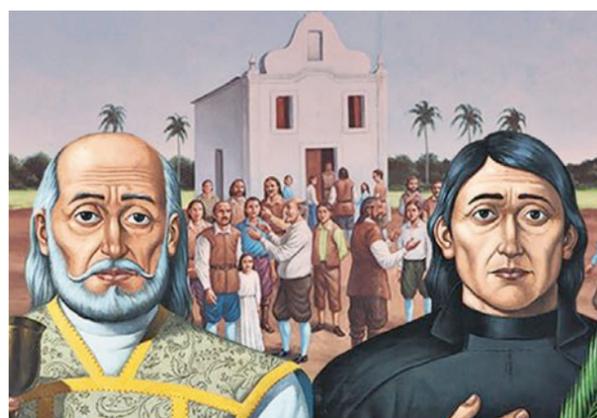


Santa Dulce dos Pobres (1914-1992)

Desde a adolescência, Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes tinha especial atenção aos mendigos e doentes de Salvador (BA) e desejava se consagrar a Deus. Aos 18 anos, após ter se formado no Magistério, ingressou na Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus e adotou o nome de Irmã Dulce. Sua primeira missão foi a de professora em um colégio da Congregação. Em 1935, iniciou um trabalho de assistência à comunidade carente de Alagados, onde também fundou um posto médico. Em 1939, passou a abrigar doentes e pessoas em situação de rua em um barracão ocupado, mas após a ordem de desocupação, abrigou-lhes no galinheiro do Convento, que em maio de 1959 se tornaria o Albergue Santo Antônio, que com a expansão ao longo das décadas é hoje conhecido como Obras Sociais Irmã Dulce. O “Anjo Bom da Bahia” morreu em 13 de março de 1992, aos 77 anos. Ela foi beatificada em 22 de maio de 2011, em Salvador, e canonizada em 13 de outubro de 2019 pelo Papa Francisco.

Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus (1865-1942)

Amábilis Lúcia Visintainer nasceu em Vigolo Vattaro, na Itália. Sua família imigrou para o Brasil, estabelecendo-se em Nova Trento (SC). Após a autorização de seu pai, a jovem construiu um casebre próximo à capela da vila de Vigolo para rezar, cuidar dos doentes e instruir as crianças. Surgiu, assim, a Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, com Amábilis e Virgínia Rosa Nicolodi, que quatro meses depois professariam os votos religiosos com a jovem Teresa Anna Maule. Amábilis recebeu o nome de Irmã Paulina do Coração Agonizante de Jesus e foi nomeada superiora. Em 1903, chegou a São Paulo e fixou-se no bairro do Ipiranga, dando início à obra da Sagrada Família, que abrigava ex-escravos e seus filhos. Acometida pelo diabetes a partir 1938, teve o braço direito amputado e cegueira total. A Madre faleceu em 9 de julho de 1942. Foi beatificada em 1991 por São João Paulo II durante a viagem apostólica que realizou ao Brasil, e por ele canonizada em 19 de maio de 2002.



Os 30 Santos Mártires de Cunhaú e Uruaçu (+1645)

Padre André de Soveral, Padre Ambrósio Francisco Ferro, o sacristão Mateus Moreira e outros 27 leigos foram martirizados por causa da fé em 1645 nas cidades de Cunhaú e Uruaçu, no Rio Grande do Norte. Em 16 de julho daquele ano, durante missa na Capela de Nossa

Senhora das Candeias, no Engenho Cunhaú, Padre André e os fiéis foram aprisionados e assassinados por neerlandeses calvinistas. Meses depois, em 3 de outubro, católicos que haviam fugido de Cunhaú após o massacre foram atacados e massacrados às margens do rio Uruaçu, no território da atual cidade de São Gonçalo de Amarante, após se recusarem à conversão ao calvinismo. Entre os mortos estavam o Padre Ambrósio e o sacristão Mateus. Os protomártires do Brasil, como são conhecidos, foram beatificados em 5 de março de 2000 e canonizados pelo Papa Francisco em 15 de outubro de 2017.

OS 54 BEATOS DO BRASIL



Lindalva Justo de Oliveira (1953-1993): Nascida em Açú (RN), ela se mudou para a capital potiguar na juventude e ingressou na Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Ao concluir o noviciado, em janeiro de 1991, foi enviada em missão a um abrigo em Salvador (BA), onde cuidava dos idosos. Dois anos depois, começou a ser assediada por um homem. Ela recusou deixar a vida religiosa para unir-se a ele, que acabou por assassiná-la a facadas, em 9 de abril de 1993, uma Sexta-feira Santa.

Beatificação: 02/12/2007



Benigna Cardoso (1928-1941): Natural de Santana do Cariri (CE), ficou órfã ainda na infância e foi adotada por outra família. Em 24 de outubro de 1941, aos 13 anos, foi atacada por um rapaz que desejava abusar-lhe sexualmente. Para defender sua castidade, ela resistiu e acabou morta a facadas.

Beatificação: 24/10/2022



Isabel Cristina (1962-1982): Nascida em Barbacena (MG), era assídua nos sacramentos e devota de Nossa Senhora. Em 1º de setembro de 1982, aos 20 anos, em Juiz de Fora (MG), foi morta a facadas após resistir a uma tentativa de violência sexual.

Beatificação: 10/12/2022



Mariano de la Mata Aparício (1905-1983): Nascido em Palência, na Espanha, foi ordenado sacerdote em 1930, na Ordem de Santo Agostinho. No ano seguinte, foi enviado em missão ao Brasil. Destacou-se por seu trabalho na Paróquia Santo Agostinho, em São Paulo. Faleceu em 5 de abril de 1983.

Beatificação: 05/11/2006 (na Catedral da Sé)



Bárbara Maix (1818-1873): Teve de deixar sua pátria, a Áustria, em 1848. No ano seguinte, no Rio de Janeiro, fundou a Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, dedicada à educação de crianças e jovens mais pobres. A partir de 1855, atuou no Rio Grande do Sul. Morreu em Petrópolis (RJ), em 17 de março de 1873.

Beatificação: 06/11/2010



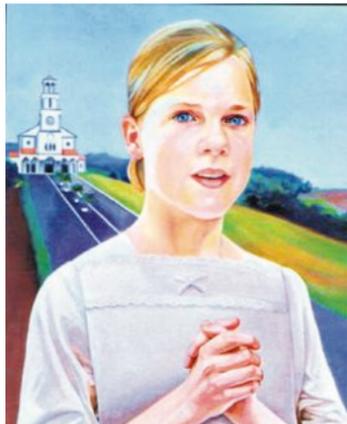
Francisco de Paula Victor (1827-1905): O primeiro beato ex-escravo do Brasil nasceu em Campanha (MG) e foi ordenado sacerdote em 1851. A partir de 1852, exerceu o ministério sacerdotal em Três Pontas (MG), suportando vários insultos. Teve especial atenção aos mais pobres e criou a primeira escola da cidade. Morreu em 23 de setembro de 1905.

Beatificação: 14/11/2015



Beatos Manuel Gómez Gonzáles e Adílio Daronch (+1924): Padre Manuel, espanhol, chegou ao Brasil em 1913, atuando primeiramente no Rio de Janeiro (RJ) e depois no Rio Grande do Sul. Em 1915, foi enviado a uma paróquia de Nonoi (RS), onde já atuava o jovem acólito Adílio, que passou a acompanhar o Sacerdote em visitas missionárias. Em 21 de maio de 1924, na floresta de Três Passos, perto da fronteira com o Uruguai, eles foram capturados por revolucionários locais, amarrados em árvores e fuzilados.

Beatificação: 21/10/2007



Albertina Berkenbrock (1919-1931): Filha de um casal de agricultores, ela nasceu em Imauí (SC) e aprendeu as verdades da fé em família. Em 15 de junho de 1931, a menina de 12 anos saiu à procura de um boi que havia se perdido nos pastos e um homem a quem a família conhecia tentou abusá-la sexualmente. Ela buscou defender a própria castidade, mas acabou por ele degolada.

Beatificação: 20/10/2007



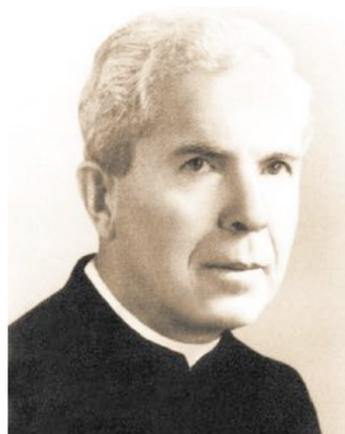
Assunta Marchetti (1871-1948): A cofundadora das Irmãs Scalbrinianas nasceu em Lombrici-Camaiore, na Itália, e chegou a São Paulo aos 24 anos, em 1895, para ajudar seu irmão, o Padre José Marchetti, no cuidado das crianças do orfanato feminino da Vila Prudente, onde esteve a maior parte de sua vida. Lá morreu em 1º de julho de 1948.

Beatificação: 25/10/2014 (na Catedral da Sé)



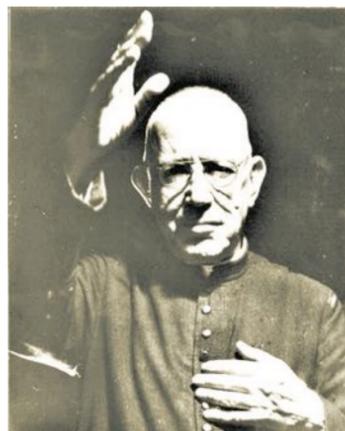
Nhá Chica (1808-1895): Filha de mãe escrava, Francisca de Paula de Jesus nasceu em São João del Rei (MG), mas passou a maior da vida em Baependi, destacando-se pela assiduidade na oração e nas obras de misericórdia. Nhá Chica construiu uma capela dedicada à Imaculada Conceição, onde ela foi sepultada ao falecer em 14 de junho de 1895.

Beatificação: 04/05/2013



João Schiavo (1903-1967): Natural de Sant'Urbano de Montecchio Maggiore, na Itália, foi ordenado sacerdote em 1927 na Congregação dos Josefinos de Murialdo. Quatro anos depois, chegou ao Brasil, atuando em cidades do Rio Grande do Sul na formação de seminaristas e novícios, bem como em obras sociais para crianças e jovens. Faleceu em 27 de janeiro de 1967, em Caxias do Sul (RS).

Beatificação: 28/10/2017



Donizetti Tavares (1882-1961): Natural de Cássia (MG) e criado em Franca (SP), foi ordenado sacerdote em 1908, tendo atuado em paróquias em Pouso Alegre (MG) e nas cidades paulistas de Jaguariúna e Vargem Grande do Sul, com atenção especial às vítimas da exploração do trabalho; e em Tambaú (SP), onde salvou intacta de um incêndio uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. Ele faleceu em 16 de junho de 1961.

Beatificação: 23/11/2019



Eustáquio Van Lieshout (1890-1943): Nascido nos Países Baixos, foi ordenado sacerdote em 1919 na Congregação dos Sagrados Corações. Chegou ao Brasil em 1925. Dedicou-se à construção de um santuário em Água Suja, atual cidade de Romaria (MG). Tinha grande atenção aos enfermos e muitos relatavam graças ao serem por ele abençoados, em Poá (SP), onde atuou a partir de 1935. Morreu na capital mineira em 30 de agosto de 1943.

Beatificação: 15/06/2006



Inácio de Azevedo e 39 companheiros (+1570): Português, Inácio recebeu a ordenação sacerdotal na Companhia de Jesus em 1553. Na década de 1560, foi enviado ao Brasil e à Índia para vistoriar as missões jesuítas. Ao regressar à Europa, pediu aos superiores a vinda de mais missionários. Em 5 de junho de 1570, Inácio e 39 companheiros partiram para o Brasil em um navio mercante. Em 15 de julho, a embarcação foi atacada por calvinistas franceses que degolaram todos os jesuítas a bordo. A memória litúrgica destes 40 mártires é recordada em 17 de julho, após ser autorizada pelo Papa Pio IX, em 1854.

(por Daniel Gomes)

Papa prepara Jubileu de 2025 e lembra que os pobres têm lugar especial no coração de Deus

FILIPE DOMINGUES
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO, EM ROMA

Em preparação para o Jubileu da Esperança, que começa oficialmente na noite de Natal de 2024, o Papa Francisco convocou mais uma edição do Dia Mundial dos Pobres, que recorda, em suas palavras, o lugar especial dessas pessoas no coração de Deus. O tema deste ano é “A oração do pobre eleva-se até Deus” (Sr 21,5).

“Esta expressão da sabedoria bíblica é ainda mais oportuna a fim de nos preparar para o VIII Dia Mundial dos Pobres, que acontecerá no próximo 17 de novembro. A esperança cristã inclui também a certeza de que a nossa oração chega à presença de Deus; não uma oração qualquer, mas a oração do pobre”, escreveu ele em sua mensagem para essa celebração. Reflitamos sobre esta Palavra e a leiamos nos rostos e nas histórias dos pobres que encontramos no nosso dia a dia, para que a oração se torne um modo de comunhão com eles e de partilha do seu sofrimento.”

Alertando o mundo sobre os riscos das guerras que o assolam e geram ainda mais pobreza e morte, o Papa disse que a ação cristã, além de medidas concretas



‘Precisamos fazer nossa a oração dos pobres e rezar com eles’, diz o Papa Francisco na mensagem por ocasião do VIII Dia Mundial dos Pobres

de solidariedade, deve começar com a oração: “Precisamos fazer nossa a oração dos pobres e rezar com eles”, escreve, convocando todas as comunidades eclesiais a celebrar com atenção e energia o Dia Mundial dos Pobres.

“É uma oportunidade pastoral que não deve ser subestimada, porque desafia cada fiel a escutar a oração dos pobres, tomando consciência da sua

presença e das suas necessidades. É uma ocasião propícia para realizar iniciativas que ajudem concretamente os pobres, e, também, para reconhecer e apoiar os numerosos voluntários que se dedicam com paixão aos mais necessitados”, continuou.

Todos devem ser educados à caridade, alerta sempre Francisco, que celebrará a Eucaristia com os pobres, na

Basílica de São Pedro, no Vaticano, em 17 de novembro. Em seguida, haverá o tradicional almoço com alguns dos pobres na Sala Paulo VI, organizado pelo Dicastério para a Caridade.

Na semana que antecede a data, todas as comunidades paroquiais e diocesanas do mundo são convidadas a organizar atividades para os pobres por meio de sinais concretos.

Francisco escolhe a oração silenciosa e reza em cemitério de crianças não nascidas

No Dia de Finados, 2, o Papa Francisco escolheu manter o silêncio em vez de proferir uma homilia durante a celebração eucarística. Realizada no Cemitério Laurentino, em Roma, a missa foi um momento de profunda emoção para os fiéis - alguns milhares de pessoas, inclusive o prefeito da cidade, Roberto Gualtieri.

Outro momento significativo de sua passagem pelo cemitério foi a oração silenciosa em uma seção dedicada aos túmulos de crianças não nascidas - área conhecida como “Jardim dos Anjos”,

um gesto que ele já havia feito em 2018, quando também esteve nesse local.

RECORDAÇÃO DE CRISTO

Na segunda-feira, 4, como é tradição, o Papa presidiu missa em sufrágio pelos bispos e cardeais mortos ao longo do último ano. Nessa ocasião, fez uma breve pregação. Ele refletiu, em particular, sobre as palavras do “Bom Ladrão” crucificado ao lado de Cristo, conforme o Evangelho segundo São Lucas (23,42), quando implora: “Jesus, lembra-te de mim quando estiveres no teu Reino”.

Esse malfeitor - disse o Papa - pede que Jesus se recorde dele. “Meditemos sobre este ato: recordar. Recordar significa ‘trazer de volta ao coração’, re-cordar, voltar a pôr no coração”, explicou o Pontífice, acrescentando que o pedido foi feito “em um tom cheio de esperança”.

“Tudo o que deseja o malfeitor que morre como discípulo da última hora é um coração hospitaleiro. E isso é tudo o que lhe importa, agora que está nu diante da morte. E o Senhor, como sempre, ouve a oração do pecador, até o fim. Trespasado pela dor, o coração de

Cristo se abre para salvar o mundo - é um coração aberto, não fechado -: acolhe, moribundo, a voz dos moribundos. Jesus morre conosco, porque morre por nós.”

Cristo se recorda de todos os crucificados, os daquele tempo e os de hoje, comentou o Papa, trazendo cada pessoa consigo com “coração justo e compassivo”. Desse modo, “a lembrança de Jesus é eficaz, porque é rica em misericórdia. Enquanto sucumbe a vida do homem, o amor de Deus liberta da morte”. (FD)

VES
TIBU
LAR
2024.2
ASSUNÇÃO



ASSUNÇÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO

Transforme o seu futuro com a parceria entre o ASSUNÇÃO e a Arquidiocese de São Paulo. Oferecemos **35% de desconto** em todos os cursos de Graduação e Pós-Graduação aos candidatos que apresentarem carta de indicação* de sua Paróquia no ato da matrícula.

*Carta assinada e em papel timbrado da Paróquia, que contenha o encaminhamento para que o candidato seja contemplado com a condição especial conferida para os paroquianos.

Fale com a gente via WhatsApp!

www.unifai.edu.br

Rua Afonso Celso, 711 (Metrô Santa Cruz) - Vila Mariana - (11) 5087-0187